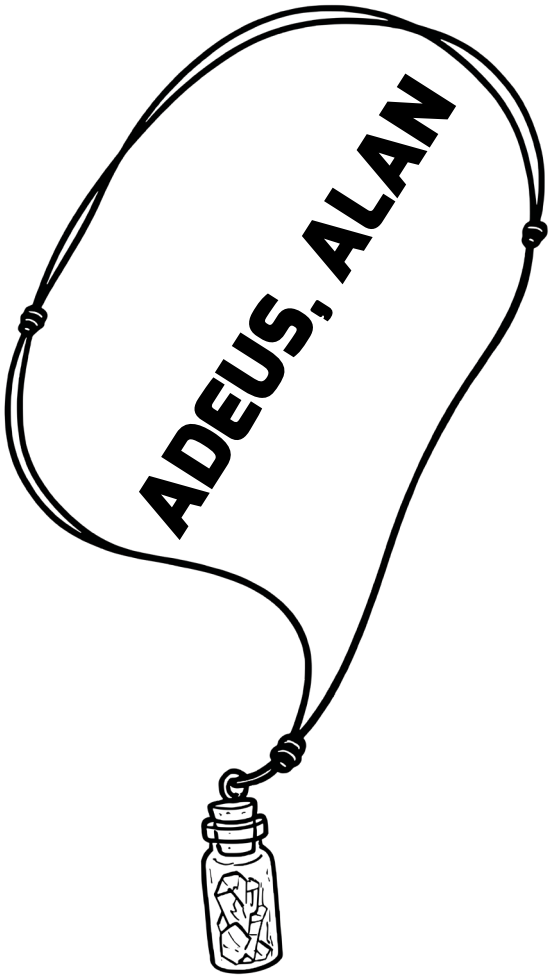
ADEUS, ALAN

LUCAS GUTIERRES

LUCAS GUTIERRES



1ª Edição
Santa Maria, RS
2025

pE.com
EDITORA EXPERIMENTAL

© 2025 Lucas Gutierres | Todos os direitos reservados

REVISÃO, PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO, EDIÇÃO E CAPA
Esther Souza e Lucas Gutierres

As ilustrações presentes neste livro foram produzidas com auxílio da inteligência artificial ChatGPT baseadas em fotografias tiradas por Esther Souza

MODELO DE PERSONAGEM “ALAN”
Lucas Dias Gutierres

MODELO DE PERSONAGEM “LETÍCIA”
Milena de Oliveira Paim

MODELO DE PERSONAGEM “LUÍZA”
Julia Campos Capeleti Costa

ORIENTAÇÃO
Marília de Araujo Barcellos, Larissa Taís Ferreira e Leandro Stevens

EDITORA pE.com UFSM
Curso de Comunicação Social - Produção Editorial
Avenida Roraima, 1000, Prédio 67, Sala 1114 | Santa Maria, RS, Brasil
(055)32209633 | pecom@ufsm.br | www.ufsm.br/pecom
Universidade Federal de Santa Maria

Dedicado a todas as histórias nunca contadas.

APRESENTAÇÃO

A presente edição ilustrada do romance “Adeus, Alan” foi desenvolvida como trabalho final para a disciplina de Publicações Digitais, do curso de Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria no ano de 2025, com orientação de Leandro Stevens.

As ilustrações contidas no livro foram obtidas com auxílio da inteligência artificial ChatGPT, que realizou esboços a partir de imagens produzidas pela equipe editorial. Após isso, os desenhos foram selecionados, tratados, vetorizados e editados para se adequarem à proposta gráfica da obra.

No processo de produção das imagens base para os desenhos, foram tiradas mais de 510 fotografias por Esther Souza em 3 sessões, que envolveram as modelos Julia Capeleti e Milena Paim, escolhidas através de processo seletivo, além de Lucas Gutierres, autor de “Adeus, Alan” e membro do time editorial.

Os 3 ensaios artísticos, realizados nos dias 14, 16 e 28 de abril de 2025 envolveram contato ativo com as modelos, planejamento da ordem de tiragem, seleção de figurinos, organização de cenários, ajustes de iluminação, técnicas de enquadramento e direção de fotografia. Foi utilizada a câmera Canon T6i.

Com a vantagem de estar produzindo a edição na mesma cidade em que a história se passa, também foram realizadas fotografias em cenários mencionados na narrativa, utilizando câmera de celular.

Algumas das fotos dos ensaios podem ser acessadas ao tocar nas ilustrações, bem como navegando até o final do livro. Também é possível saber mais sobre os locais reais mencionados no livro, no mapa interativo da cidade de Santa Maria.

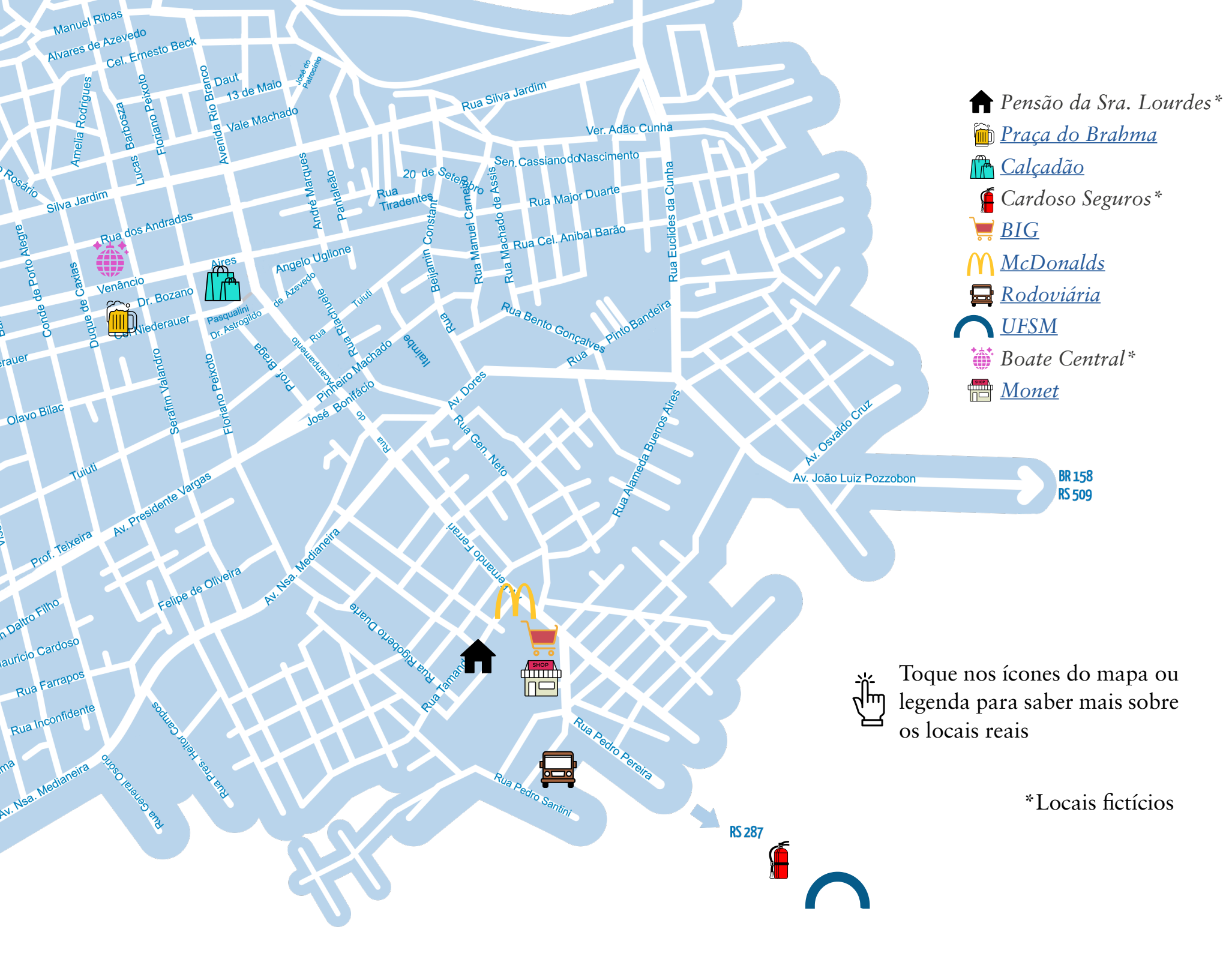
O objetivo aqui é produzir uma jornada de leitura imersiva, expandindo elementos da narrativa através de ilustrações e fotos artísticas que remetem a trechos do texto, formando a experiência completa de “Adeus, Alan”.

Desejamos uma ótima leitura!

Esther Souza e Lucas Gutierres

Este ícone indica que você pode clicar e acessar a fotografia que baseou a ilustração

Este ícone indica que você pode clicar e retornar da fotografia para a ilustração


Pensão da Sra. Lourdes*
Praça do Brahma
Calçadão
Cardoso Seguros*
BIG
McDonalds
Rodoviária
UFSM
Boate Central*
Monet
Toque nos ícones do mapa ou legenda para saber mais sobre os locais reais
*Locais fictícios
Manuel Ribas
Alvares de Azevedo
Cel. Ernesto Beck
Amelia Rodrigues
Barbosza
Floriano Peixoto
Avenida Rio Branco
13 de Maio
Vale Machado
Rua Silva Jardim
Ver. Adão Cunha
Sen. Cassiano do Nascimento
20 de Setembro
Rua Tiradentes
Rua Major Duarte
Rua Cel. Anibal Barão
Rua Euclides da Cunha
André Marques
Pantaleão
Rua Manuel Carneiro
Rua Machado de Assis
Benjamin Constant
Rua dos Andradas
Conde de Porto Alegre
Duque de Caxias
Venâncio
Dr. Bozano
Niederauer
Aires
Pasqualini
Dr. Astrogildo
Angelo Uglione
de Azevedo
Rua Tuiuti
Rua Bento Gonçalves
Rua Pinto Bandeira
Serafim Valandro
Floriano Peixoto
Prof. Braga
Rua Pinheiro Machado
Itaimbé
José Bonifácio
Av. Dores
Olavo Bilac
Tuiuti
Rua Gen. Neto
Rua Alameda Buenos Aires
Av. Osvaldo Cruz
Av. João Luiz Pozzobon
BR 158
RS 509
Prof. Teixeira
Av. Presidente Vargas
Av. Nsa. Medianeira
Rua Fernando Ferrari
Felipe de Oliveira
Rua Rigoberto Duarte
Rua Tamandaré
Rua Pedro Pereira
Rua Pedro Santini
RS 287
Rua Farrapos
Rua Inconfidente
Rua Pres. Heitor Campos
Rua General Osório

Eu me estiquei até o topo do guarda-roupa e tirei de lá o meu melhor par de tênis pretos. Coloquei em um pé, depois no outro, e amarrei os cadarços. Combinavam com o meu jeans escuro.

Era apenas o 4º dia do ano de 2019.

Fui até a cozinha e tirei debaixo da pia um pano úmido, que passei nos tênis e na calça para tirar algumas manchas esbranquiçadas de poeira.

Coloquei o pano de volta no lugar e me postei em frente ao espelho.

Alan Valencci... tentando ser o maior escritor do país... entulhado em uma cidade com pouco mais de 200 mil habitantes.

Santa Maria... quantos escritores decentes saíram de uma cidade como essa? Quantos pintores? Quantos compositores? Quantos filósofos?

Mas, pensando bem... quantos escritores realmente bons saíram de qualquer lugar?

É... não muitos...

Alan, Alan... um rosto não muito simétrico... uma barba falhada... um corte de cabelo não muito inspirado... o nariz pequeno, os olhos castanhos, o lábio inferior consideravelmente maior que o superior... a sua camiseta preta favorita, uma das únicas que servem bem em você, já desgastada após anos de uso…

Alan Valencci... o próximo grande escritor do século, o exímio criador de ficção e poesia... entulhado no interior do país, lendo suas frases imortais para as paredes e para o teto e o chão... e eventualmente para alguns insetos que decidiam apreciar a arte.

Você já esteve melhor, Alan... com certeza... mas... também já esteve pior. Sim, sim, sim…

Saí dali, peguei a chave e fui em direção à porta.

Eu estava indo me encontrar com Letícia, minha ex-namorada. Havíamos terminado há pouco mais de seis meses.

Abri a porta, saí e tranquei a fechadura. Caminhei até a parada de ônibus, que ficava bem em frente, do outro lado da rua.

Era um dia abafado, com o sol ainda brilhando às seis e meia da tarde daquela sexta-feira.

Fiquei sentado ali por uns 15 minutos, até que o ônibus chegou e eu embarquei. Passei a roleta, caminhei até o fundo e me sentei próximo à janela, no lado direito.

Era apenas a segunda vez que Letícia e eu nos veríamos desde o término. A primeira havia sido na virada do ano, quatro dias antes.

Foi em uma espécie de festa ao ar livre que sempre acontecia na cidade nos finais de semana e feriados. Era realizada na Praça do Brahma, no centro da cidade, que tinha alguns bares em volta e música alta.

Eu tinha dificuldades para entender como as pessoas funcionavam. Em especial aquelas jovens e dispostas o suficiente para ficar lá de pé à noite, ao ar livre, segurando uma garrafa de cerveja na mão e aproveitando a música antes que os moradores do bairro ligassem para a polícia.

Mas eu estava lá. Havia sido convencido por dois colegas de trabalho. O que mais eu poderia fazer? Já havia passado o natal bebendo sozinho em casa, encarando as paredes. Não chegou a ser o meu pior natal, mas também não foi o melhor. Não queria repeti-lo. Então, lá estava eu, aproveitando a virada do ano.

Eu estava recuperado do término com Letícia, agora que seis meses haviam passado. Até que eu a avistei caminhando na minha direção, com uma jaqueta jeans e o cabelo castanho caindo sobre o ombro.

Havia sido tão difícil apagar aquele rosto da minha mente. Havia sido tão difícil evitar a vontade de ver o jeito que as bochechas se preenchiam quando ela sorria verdadeiramente, com aqueles dentes brancos e bem alinhados, os olhos castanhos puxados e quase fechados...

Mas ali estava ela.

— Alan! — falou ao me avistar. — Como você está?

Ela me abraçou e eu senti aquela fragrância adocicada que ela deixava no ar, não importa a hora ou o dia ou o local.

Tinha duas amigas ao lado dela, e as três caminharam para outro lugar logo em seguida.

Com o coração ainda acelerado, eu sequei a garrafa de cerveja que estava na minha mão. Eventualmente compramos mais algu-

mas e continuamos bebendo. Sequei uma após a outra através da noite, provavelmente exagerando na dose, considerando que algumas horas depois, de alguma forma, por algum motivo, eu estava sentado ao lado de Letícia na calçada, conversando sobre algo que eu já não lembro mais.

Sei lá para onde foram os meus amigos e os amigos dela, o caso é que estávamos sentados ali, conversando e gargalhando. Foi nessa situação que combinamos de sair na sexta-feira seguinte (a única parte que eu ainda lembro da conversa).

Uma parte de mim torcia para que aquilo fosse apenas um efeito do álcool em ambos. Mas agora, quatro dias depois, estávamos ambos sóbrios e ainda assim iríamos nos encontrar.

Desci do ônibus próximo ao centro e fui em direção a um dos bancos do Calçadão, onde costumávamos nos encontrar. Sentei ali e fiquei esperando.

Logo avistei Letícia caminhando na minha direção, com um vestido listrado que ia até o joelho e era cortado nos ombros. O cabelo liso e escuro como uma turmalina, refletindo os últimos raios de sol do dia e as luzes da cidade, que começavam a se acender.

Eu fiquei de pé e nós nos cumprimentamos com um abraço. E é claro, lá estava aquela fragrância, como eu esperava.

— Como você está, Alan? — ela perguntou logo em seguida. — Tudo indo bem?

— Tudo bem, e você?

— Estou ótima.

Nós saímos dali e fomos em direção a um restaurante, que ficava bem próximo.

— E então, Alan... — disse ela —, quais são as novidades?

— Quase nenhuma... quero dizer... mesmo emprego, mesma casa, mesmos hobbies...

— O cabelo está diferente. Está deixando crescer?

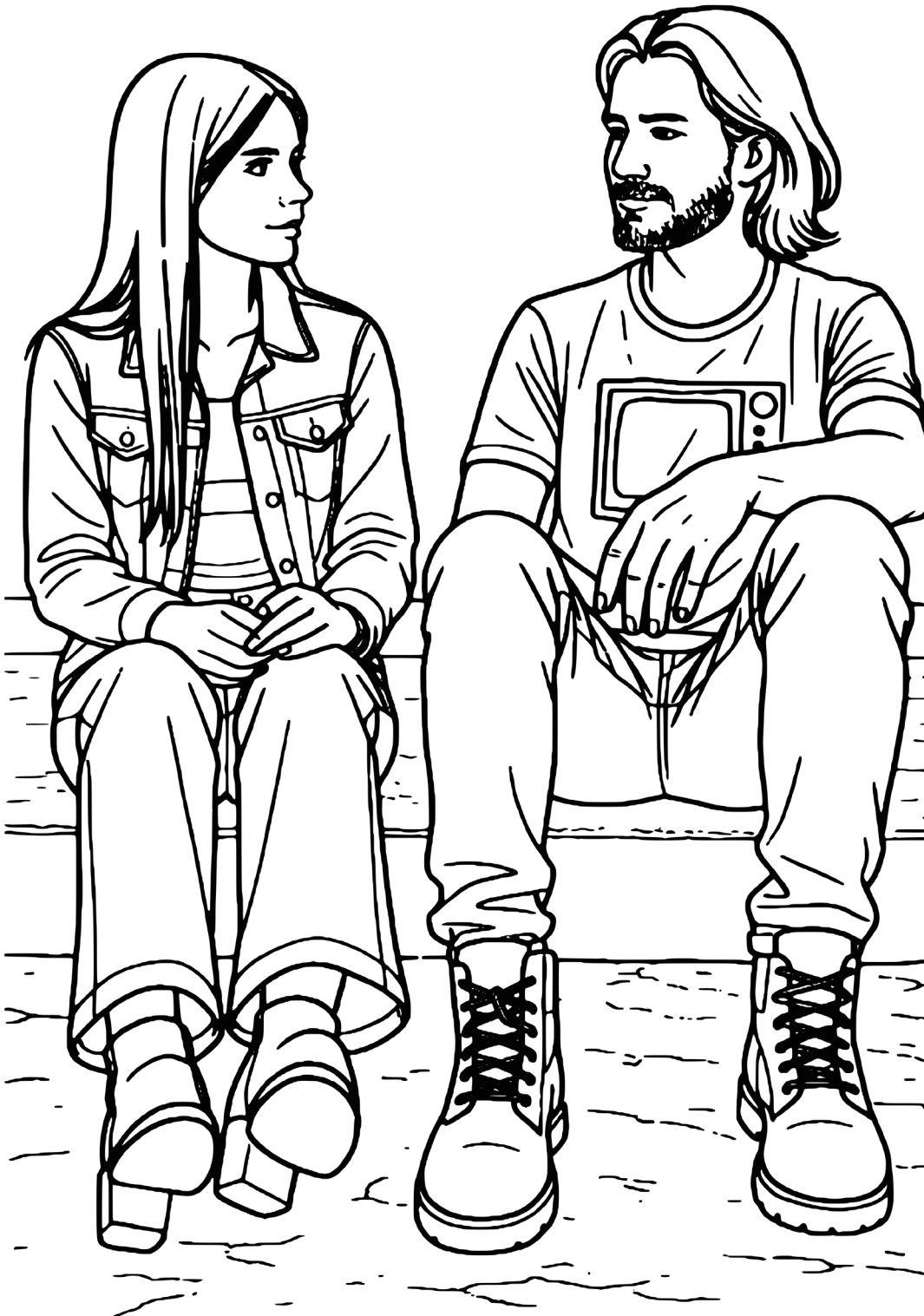
— Não corto há tempos... mas não sei se vou deixar assim.

— E você continua escrevendo?

— É... do jeito que dá...

Chegamos no restaurante e fomos em direção à recepção.

Letícia foi à frente e conversou com a recepcionista. Ela apontou para a mesa disponível e nós fomos até lá. Era uma mesa de



dois lugares, encostada em uma parede escura, com alguns desenhos em giz nela.

— Eu adoro tanto esse lugar... — falou Letícia, sorrindo e olhando em volta.

Sentamos frente a frente e um dos funcionários do local colocou os menus sobre a mesa. Letícia pegou o celular e ficou mexendo nele por uns instantes, enquanto eu analisava as opções do cardápio. Fiquei focado nisso por um tempo, até que ela quebrou o silêncio.

— Ei, Alan... - disse ela.

— Sim?

— Tem um casal na mesa ao seu lado direito...

Virei a cabeça levemente para olhá-los, tentando ser discreto. Era uma jovem loira, de blusa verde, e um rapaz magricelo, barbudo e tatuado.

— Estou vendo... — falei.

— Você acha que eles são namorados ou estão em um primeiro encontro?

— Humm... não sei... — disse eu, ainda tentando encará-los discretamente —, acho que talvez sejam namorados...

— Não... definitivamente não... olhe para ela, parece estar bem nervosa... eles mal se olham nos olhos... e constantemente riem sem achar graça... é definitivamente um encontro...

— É... pensando bem, parece ser isso mesmo...

Fizemos nossos pedidos em seguida e ficamos esperando.

— Alan, Alan... — disse ela —, foi bom a gente ter se encontrado aquela noite na praça... eu senti falta de conversar com você...

— É... eu também...

— Nós dissemos que seríamos amigos depois do término... mas acabamos não nos falando mais... eu tenho tanta coisa para contar...

— Já pode começar, então...

- Bem, até o final do ano eu já vou estar formada em História... eu espero... então, já estou considerando a possibilidade de fazer um mestrado.

— Ah é? Na universidade daqui mesmo?

— É, talvez... mas estou considerando outras possibilidades também... eu adoraria ir para uma do Nordeste, por exemplo.

— Evitaria o inverno daqui, que você odeia...

— É, principalmente por isso. Mas ainda não sei... eu, com certeza, não sentiria falta do clima de Santa Maria. Mas a minha família está toda aqui...

— É...

— Ah, e falando nisso, minha irmã finalmente conseguiu entrar na faculdade de Medicina Veterinária!

— Na UFSM?

— Isso. Esse curso sempre foi o sonho dela, ela está bem animada.

O garçom trouxe as bebidas e colocou sobre a mesa. Para Letícia, um copo com gelo e uma garrafa de refrigerante. Para mim, um suco natural de laranja.

— Continua não gostando de refrigerante? - perguntou ela.

— Odeio tanto quanto você ama.

— Então é bastante...

Cada um tomou um gole da sua bebida.

— Continuando as novidades... — disse ela —, eu estou saindo com alguém. O nome dele é Ruan. Conheci pela internet e depois nos encontramos em duas festas.

— Faz bastante tempo?

— Umas duas ou três semanas...

— E como está sendo?

— Bom, dentro do possível... nas duas vezes que nos encontramos, pareceu haver uma conexão... mas sempre que tentamos marcar de sair em outros dias, ele acaba tendo outro compromisso ou algo do tipo e nós adiamos...

— E vocês conversam com frequência?

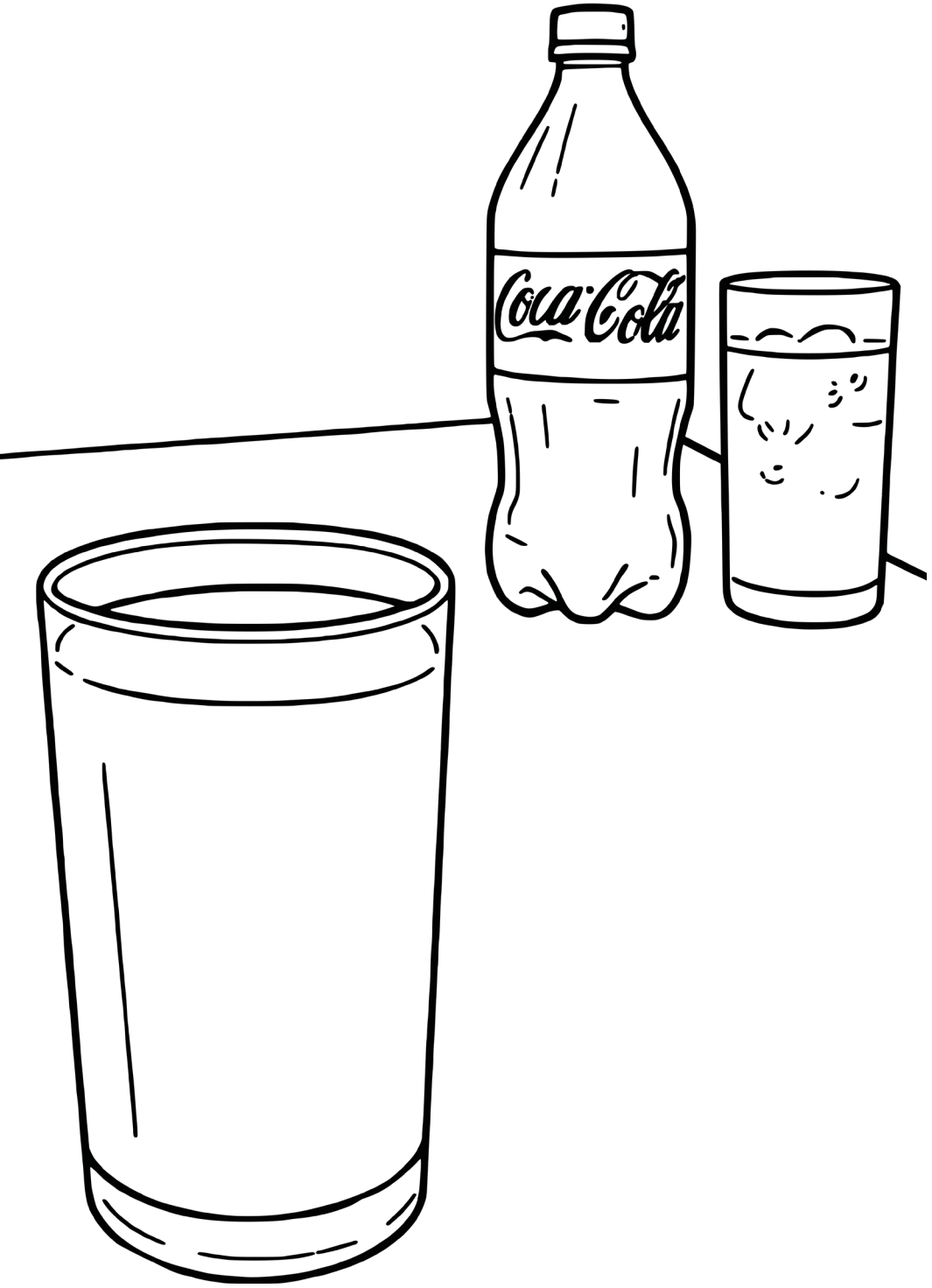
— Sim, ele é bem atencioso e sempre faz questão de puxar assunto comigo para continuar conversando... mas tem sido tão difícil conseguir encontrá-lo pessoalmente... isso me deixa confusa... o caso é que eu não sei exatamente que tipo de relação ele quer ter comigo...

— E que tipo de relação você quer ter com ele?

— Bem... na verdade eu também não sei...

— Então, talvez seja melhor tentar descobrir isso antes.

A comida chegou logo em seguida e o assunto persistiu, sem ter muita coisa interessante a ser contada.



A conversa com Letícia seguiu sobre os mesmos três assuntos: seu futuro mestrado, sua irmã e o rapaz que ela havia conhecido. Fiquei a maior parte do tempo escutando e a encarando. Tinha batom vermelho nos lábios antes da comida chegar. Depois, ele foi parar no guardanapo. A pele era pálida e tinha pequenos pontos vermelhos em alguns lugares do rosto, mas ainda parecia bem tratada. Eu evitava olhar diretamente em seus olhos, mas eles estavam ali, grandes, redondos e castanhos.

Letícia ainda era a mesma que eu conhecia: pais casados há mais de duas décadas, irmã caçula, casa de dois andares, faculdade federal... e sempre falando sobre assuntos com os quais eu não me identificava ou não entendia. E agora ela queria fazer mestrado, sua irmã estava na faculdade e ela havia conhecido um rapaz...

Permanecemos no restaurante por quase uma hora e então fomos embora. Já era noite, e a temperatura estava levemente mais baixa.

— Alan... — disse ela, logo após sairmos pela porta —, você vai para casa de ônibus?

— Sim...

— Eu deixei o carro estacionado há algumas quadras daqui... se você me acompanhar até lá, eu posso levar você até a parada depois...

— Bem... pode ser.

Fomos caminhando e conversando até lá, provavelmente sobre os mesmos assuntos do restaurante. Mas eu não sei ao certo, porque eu simplesmente não estava prestando atenção. Eu simplesmente detestava demais estar fora de casa durante a noite, e era muito difícil me concentrar em qualquer outra coisa.

Chegamos até o carro logo em seguida. Era uma SUV prata. Grande, elegante, moderna, amedrontadora...

— Estou dirigindo o carro do meu pai — disse ela, antes de entrarmos —, o que nunca é bom, porque ele sempre me pede para abastecê-lo quando eu uso...

Entramos no carro e nos acomodamos. Coloquei o cinto e fiz o sinal da cruz, olhando para um crucifixo pendurado no espelho interno. Fazia isso para irritá-la. E funcionou.

— Isso não tem graça — falou ela —, eu sou uma motorista experiente e competente.

— Eu sei... — respondi com um sorriso leve, que a deixou mais irritada ainda.

Ela colocou a chave na ignição e deu a partida. Coloquei a cabeça para o lado e observei brevemente o movimento dos outros carros. Eu sempre me sentia desconfortável no banco do passageiro de um carro, seja qual fosse o motorista. Era um sentimento estranho, pensar que a minha sorte estava nas mãos de outra pessoa naquele momento. E estava nas mãos de Letícia. Há tão pouco tempo, éramos apenas um par de adolescentes tontos que não faziam a menor ideia do que fazer com suas vidas, andando em volta do pátio na nossa escola de ensino médio. Mas agora estávamos em um carro, ela com 20 anos e eu com VINTE E UM. Como foi que chegamos aqui? Onde foram parar todos aqueles anos?

— O trânsito dessa cidade é infernal nesse horário — disse ela, freando o carro antes de um semáforo fechado.

— É... é verdade...

Ela acelerou quando o semáforo abriu e ficamos em silêncio por mais alguns instantes. A parada ficava bem próxima e nós logo chegamos. Ela encostou o carro próximo à calçada.

— Hoje foi divertido — disse ela —, vamos manter contato, sair outras vezes...

— Com certeza - respondi, já abrindo a porta do carro.

— Até mais, Alan.

— Até mais.

Eu saí, fechei a porta e fui em direção ao paradão. A cidade era mal iluminada nessa região e tudo era escuro, escuro, escuro...

Por que, afinal, eu ainda aceitava sair de casa à noite? POR QUÊ?

Mas as pessoas ali pareciam ser inofensivas, ao menos. Cansadas, apressadas e de mau humor, mas inofensivas.

Meu ônibus chegou em seguida e eu embarquei. Estava quase vazio. Sentei próximo à janela e novamente fiquei observando o movimento dos outros carros.

Eu tinha um sentimento estranho na mente e no estômago. Eu não esperava sair com Letícia como amigo. Isso era difícil para mim. Eu não sabia se conseguiria ter uma amizade verdadeira com ela.

Talvez em algum momento da nossa conversa, sentados na calçada nas primeiras horas do ano novo, ela tenha me falado que gostaria de sair comigo como amigos. Talvez eu tenha entendido errado. Talvez eu não tenha prestado atenção. Mas, bem, eu não estava prestando atenção em muita coisa nessa época...

Eu desci do ônibus na frente de casa, eventualmente, e atravessei a rua. Coloquei a chave na fechadura, abri a porta e entrei. E tudo que havia no mundo voltou ao seu normal, enfim.

Então era segunda-feira, e eu tinha que realizar a primeira tarefa difícil do dia: levantar da cama. Eram 10h19. Fiquei debaixo das cobertas, encarando as paredes do cômodo por algum tempo. Virei o corpo para o lado direito, fechei os olhos e decidi dormir mais um pouco.

O sábado e o domingo haviam sido difíceis. Dia inteiro em casa, tentando escrever, tentando comer, tentando dormir... e não obtendo sucesso em nenhum dos casos.

Quando era perto de 11h30, decidi sair da cama. Ela ficava encostada na parede em um cômodo minúsculo que era meu quarto e minha sala.

Era a porta número 2 da pensão da Sra. Lourdes, uma nobre mulher de 65 anos, com cabelos brancos e 1,59m de altura, que morava atrás da porta número 9 da pensão, a última à direita.

O meu quarto era o primeiro à esquerda, após passar pela porta principal, que a Sra. Lourdes geralmente esquecia de fechar. Por sorte eu trancava a minha porta. Exceto quando eu também esquecia.

Além do quarto-sala, havia duas outras peças na casa: um banheiro pequeno com infiltrações na parede, aranhas nos cantos do teto e um chuveiro que esquentava demais no verão e de menos no inverno, e uma cozinha com geladeira, fogão, pia, máquina de lavar e alguns fios esticados, para pendurar as roupas.

Eu pagava um aluguel justo para a qualidade do local, o que não era muito. Mas era suficiente. Não era uma casa luxuosa, mas era o meu lugar, o meu lar. Era o que eu podia pagar e o que a Sra. Lourdes podia cobrar.

Fui até a cozinha e preparei o almoço. Arroz, batata, tomate e um bife sem molho. Parecia um prato saudável de classe média, mas era uma refeição barata. Porque eu era um proletário, e meu trabalho era uma piada e meu salário era baixo. Tudo para que eu pudesse passar o maior tempo possível em casa, escrevendo e preparando meu próprio almoço. Meu almoço barato e sem gosto.

Terminei de comer, lavei a louça e fui até a escrivaninha perto da cama, para tentar escrever alguma coisa. Mas em vez disso, passei o tempo lendo algumas das coisas que eu havia escrito anteriormente. Achei tudo fraco e desanimador. Eu era uma farsa. Nunca seria um escritor decente. Minhas frases não tinham sentido, não tinham importância, não tinham classe. Como eu pude acreditar que isso daria certo? Como eu pude apostar tudo nisso?

Ouvi uma batida na porta. Imaginei que fosse a Sra. Lourdes. Era perto de 14h30, o horário em que ela geralmente me oferecia algo que recém havia tirado do forno. Bolos, tortas, biscoitos... e eu sempre aceitava. Ela era uma boa alma. Viúva, vivendo dos aluguéis da pensão... e eu era o mais jovem entre todos os moradores. Quase como um neto. Então, ela batia na minha porta quase toda tarde e me oferecia um pequeno agrado. Também podia ser porque ela achava que eu passava fome... o que nunca aconteceu, exceto nas vezes em que eu esquecia de passar no supermercado.

— Alan? — disse ela do lado de fora, antes que eu pudesse chegar até a porta.

Eu abri e lá estava ela. Com seus cabelos encaracolados, o rosto esbranquiçado pela maquiagem e os dentes postiços. Tinha uma bandeja com dois pães caseiros na mão.

— Acabei de tirar do forno, Alan... — disse ela.

— Tenho que sair daqui a pouco, Sra. Lourdes...

— Não importa. Vamos, pegue... — falou enquanto colocava a bandeja nas minhas mãos.

— Tudo bem. Obrigado, Sra. Lourdes.

Fechei a porta e sentei em frente à escrivaninha com os dois pães. Estavam quentes, macios, saborosos... era uma ótima confeiteira, a Sra. Lourdes. Uma alma pura e generosa...

Fiquei de pé logo em seguida e troquei de roupa. Fui ao banheiro, escovei os dentes, encarei o espelho por alguns instantes e saí porta afora. Atravessei a rua e logo embarquei no ônibus. Estava indo em direção à Cardoso Seguros, onde eu trabalhava há três anos. Inicialmente como recepcionista, até que fui promovido para a função que eu exercia agora.

Era uma empresa local de seguros contra incêndio, que sobrevivia indo de porta em porta de estabelecimentos da cidade oferecendo o serviço. Ficava bem no meio da Faixa Nova. Nos primeiros dois anos eu ficava na recepção, atendendo o telefone e esperando alguém chegar, o que quase nunca acontecia. Mas o meu chefe, o Sr. Luís Cardoso, simplesmente gostava bastante de mim, o que eu nunca compreendi. Estava na casa dos 55 anos, tinha o cabelo curto e grisalho, usava camisas sociais e jeans largos. Dizia coisas que eu nunca entendia ou prestava atenção. Mesmo assim, ele decidiu me oferecer um novo cargo, porque eu era um jovem com potencial, segundo ele...

Minha função era aparecer na empresa toda segunda-feira, para coletar alguns documentos e saber em qual estabelecimento eu deveria ir. Depois disso, eu tinha a semana inteira para convencer o dono do local em questão a contratar um dos nossos pacotes mais caros. E então, na sexta-feira, era só voltar e entregar o contrato assinado.

O salário era medíocre, mas era suficiente para alugar o quarto número 2 da pensão da Sra. Lourdes. E eu estava livre das 8 horas diárias de trabalho, tendo tempo para escrever e comer e dormir...

Eu nunca entendi como a empresa conseguia sobreviver com esse modelo de negócios. E nem como eu podia receber um salário por uma função tão absurda. Mas, por sorte, eu não entendia absolutamente nada sobre o mercado de trabalho, então isso não importava.

Desci do ônibus próximo à empresa e entrei pela porta. No balcão principal estava João, que trabalhava na função que eu exercia anteriormente, na recepção. Atrás dele, encarando a tela de um computador, estava Luciano, que era Assistente Administrativo.

— Aqui está nosso garoto de ouro! - Exclamou Luciano, levantando-se da sua cadeira e ficando em pé ao lado de João.

— Olá — respondi.

Bem como o meu chefe, esses dois também gostavam bastante de mim, por razões que eu desconhecia. Luciano tinha 23 anos, barba e cabelos ruivos, cerca de 1,70m de altura e quase sempre estava usando camisas xadrez. Já estava na empresa quando eu

fui contratado. João era um pouco mais alto, tinha 22 anos e um cabelo escuro, curto e levemente cacheado. Foi contratado quando eu troquei de função.

— Como vão as coisas, Alan? — perguntou João.

— Como de costume — respondi. — Nada de interessante acontece na minha vida, João, você já sabe. Eu só quero os documentos dessa semana, por favor. Facilita para mim...

— É claro, Alan... contanto que você se comprometa com uma coisa...

— Ah não...

— Tomar uma cerveja com seus dois colegas de trabalho, sexta-feira após o expediente...

— Não, não, não...

— Vamos lá, Alan... — falou Luciano —, não tem nada de mais, é só umas cervejas no bar aqui do lado...

— Da última vez que eu aceitei sair com vocês, eu acabei encontrando a minha ex-namorada!

— E que culpa nós temos?

— Bem...

— Vai ser legal, Alan... — disse João —. você entrega o contrato aqui na sexta-feira um pouco antes das 18h, a gente sai junto, bebe e conversa um pouco, depois vai embora... bem simples...

— Vamos, Alan, por favor... — insistiu Luciano.

— TUDO BEM, TUDO BEM! EU VOU! Agora, por favor, me dá os documentos!

— BOA, ALAN! — falou Luciano.

— Toma aqui... — disse João, me entregando a pasta com os documentos —, esperamos você aqui na sexta!

— Tudo bem... até mais...

Saí pela porta e fui até a parada. O ônibus não demorou muito.

Embarquei e fiquei olhando a rua pela janela. Talvez uma cerveja no fim da tarde de sexta-feira não seja tão ruim, pensei. Talvez ajude a me distrair um pouco. Tudo que eu havia feito nos últimos dias era escrever. Tinha dez páginas prontas para o meu próximo livro. Eu precisava de um descanso, afinal.

Eu havia publicado um livro de contos anteriormente, com uma pequena editora da cidade. A maioria das histórias eram sobre Letícia, mas havia também algumas sobre Martina e Caroline.

Martina era alta e naturalmente loira, tinha a pele bastante pálida, olhos azuis e dentes brancos e parelhos. Ela gostava de futebol, de rap, de churrasco e de cerveja.

Caroline era um pouco mais baixa, tinha olhos verdes, sardas, piercing no nariz, usava óculos e nunca pintava o cabelo com menos de duas cores ao mesmo tempo. Gostava de música, pintura, teatro e dança. E ela cantava, tocava violão, pintava, atuava e dançava. E era vegetariana.

O que elas tinham em comum? Nenhuma das duas tinha qualquer interesse em mim. Ambos os casos duraram pouco, e eu não fiquei triste. Elas mereciam alguém melhor do que eu. Eu era só um perdedor. Um perdedor que não gostava de sair de casa, que não gostava de locais públicos, que não gostava de festas, nem de dançar, nem de cantar, nem de viajar...

Eu era um ser-humano desinteressante. Eu não gostava de fazer a maioria das coisas nem de estar na maioria dos lugares. Exceto a minha casa. E os ônibus da cidade. Eu gostava de longas viagens de ônibus... daí vinha grande parte da minha inspiração. Inspiração que me ajudou a escrever os contos, e agora me ajudaria com meu primeiro grande livro...

Eu estava tentando levar essa coisa toda de escrever a sério. Os contos eram bons, mas eu precisava de algo a mais. Algo novo, algo empolgante, algo surpreendente... então, agora, eu estava escrevendo um ROMANCE.

Desci algumas paradas antes de casa e fui em direção ao supermercado BIG. Entrei pela porta lateral, onde ficava o shopping Monet. Avistei uma ex-colega de ensino médio trabalhando como vendedora em uma loja de roupas. E outra, na recepção de uma livraria.

Passei pela praça de alimentação e olhei para uma das mesas, que ficava próxima ao centro do local. Ali, eu havia sentado frente a frente com Letícia, seis meses antes. Naquele dia, ela me falou que, certa vez, achou que era apaixonada por mim, mas estava errada. E eu falei que estive apaixonado por ela tempos atrás, mas não estava mais. E essa foi a maior reciprocidade que já tivemos.

Entrei no supermercado e peguei arroz, batata, algumas frutas e sabão em pó. É incrível o poder que o homem acha que tem no começo do mês.

Fui até o caixa e coloquei os produtos sobre o balcão. O funcionário do local havia sido meu colega no ensino fundamental. O nome era Diego, tinha cabelo curto e castanho, era alto e tinha uma expressão descompromissada. Mas não lembrava de mim, então não houve nenhum tipo de diálogo entre nós.

Saí do supermercado com as sacolas, caminhando pela calçada da avenida onde ele ficava. Era uma das mais movimentadas da cidade. A minha cidade. Sobre a qual ninguém estava escrevendo. A cidade onde nasci, onde cresci e onde continuava morando. A cidade que estaria no meu primeiro grande ROMANCE. Todas aquelas belas ruas, meu magnífico bairro, as pessoas, os pássaros, os carros... ah, essa cidadezinha de 200 mil habitantes... a mais bela do interior do estado, a mais calma, a mais vasta, a mais importante... a MINHA cidade.

Caminhei até o fim da quadra, onde ficava o fast food com o grande "M" amarelo lá em cima. Dobrei à esquerda, na rua onde ficava a pensão da Sra. Lourdes.

Alguns metros antes, havia uma casa com um pátio largo, onde um cachorro estava sempre deitado, observando a paisagem. Era um cachorro grande, um Pastor Alemão. Porém, ele nunca latia para mim ou para qualquer outra pessoa que passasse por ali. Simplesmente ficava lá deitado, em silêncio.

Decidi testá-lo, e quando passei pela casa fiquei olhando fixamente nos seus olhos o tempo inteiro. Fui caminhando em frente ao portão da casa sem tirar os olhos do Pastor Alemão. Ele ficou me encarando de volta, quase incrédulo com a minha atitude. Quando eu estava bem em frente à casa, ele se levantou com raiva e começou a latir ferozmente em direção a mim.

Tirei os olhos dele e continuei caminhando até o fim da terceira quadra, à esquerda. Passei pela porta principal, que estava aberta, e entrei no quarto número 2.

O quarto número 2 da pensão da Sra. Lourdes. Minha casa. Meu lar, doce lar.

Saí da cama na sexta-feira por volta das 11h15. Era mais um dia. O que eu podia fazer? Nada, além de levantar da cama. Era tudo que eu podia fazer.

À tarde, eu precisava ir até uma vidraçaria perto do centro para tentar convencer o dono a contratar um seguro contra incêndios. Mas antes, eu iria preparar o meu próprio almoço. Um privilégio e uma maldição, pois seria arroz, batata, tomate e bife novamente.

Nos documentos que eu buscava toda segunda-feira na Cardoso Seguros, sempre estava o telefone, o e-mail e o endereço do estabelecimento que precisava visitar naquela semana. Eu podia escolher de que forma entraria em contato, desde que eu trouxesse o contrato assinado na sexta-feira.

Escolhi o telefone. Liguei para a vidraçaria na terça. Fiquei uns 20 minutos no telefone com o chefe, que dizia não ter disponibilidade naquela semana. Mas a experiência no ramo me ajudou e eu o convenci a me receber na sexta à tarde.

Preparei a comida e levei o prato até a escrivaninha próxima à cama. Ali estavam as 20 páginas que eu já havia escrito, para o meu primeiro grande ROMANCE. Algumas delas haviam sido na noite anterior, entre às 22h e as 2h, enquanto a parede ao lado chacoalhava.

O quarto número 4 da pensão não tinha locatário. Era um segredo do bairro. A Sra. Lourdes alugava por uma noite para casais que moravam próximos. Era um quarto de motel clandestino. E era o quarto ao lado do meu. Então, nas quintas, sextas, sábados e domingos, era comum que a parede próxima à minha cama fizesse barulho. Eu já estava acostumado. Na noite de quinta, havia sido um casal que gostava de variar o ritmo. Lento, rápido, lento... escrevi duas ou três páginas com esse som ambiente ao fundo.

Terminei de comer, lavei a louça e fui trocar de roupa para sair. Era triste que eu não estaria em casa à tarde para que a Sra. Lourdes pudesse me oferecer um agrado recém tirado do forno, mas eu precisava ir.

Saí de casa, embarquei no ônibus e cheguei no estabelecimento. Era uma estrutura típica desses locais: os trabalhadores que faziam o serviço de verdade ficavam em um galpão quente e encardido nos fundos do terreno, enquanto os donos usavam camisas sociais e sapatos lustrados em salas bem pintadas com cadeiras de rodinhas e ar-condicionado.

Esperei por alguns minutos em um pequeno sofá de couro na recepção e logo entrei na sala com o chefe, o Sr. Régis Maldonado. Era um sujeito de 1,68m com barba e cabelos grisalhos, quase nada diferente de todos os outros chefes com quem eu conversava todas as semanas.

A essa altura, o meu trabalho já era bastante simples. Eu nunca começava falando de negócios. Simplesmente conversava com o indivíduo sobre a empresa dele, fazendo perguntas e elogiando seu trabalho. Alguns minutos depois, eu dizia algo como "você não gostaria de perder tudo isso por causa de um acidente inesperado ou algo do tipo, não é mesmo?". E alguns minutos depois, eles estavam quase implorando para contratar os serviços da Cardoso Seguros. Era um método quase infalível.

Foi o que aconteceu nessa tarde, e o Sr. Régis Maldonado assinou o pacote mais caro de seguro. Apertei a mão dele antes de sair e fui até a parada de ônibus. Talvez o meu trabalho não fosse uma piada, pensei. Eu trazia lucros para a minha empresa toda semana, apesar de aparecer por lá somente nas segundas e sextas.

Embarquei no ônibus e fui para a Cardoso Seguros. Eram umas 16h45. Cheguei lá perto das 17h e coloquei o contrato assinado sobre a mesa.

— Conseguiu a assinatura? — perguntou João.

— É claro que sim — respondi. — Tarefa dada, tarefa cumprida.

— Muito bem...

Sentei no sofá da recepção e fiquei esperando o tempo passar. Ninguém falou muita coisa e nenhum cliente apareceu, como de costume. Às 18h, Luciano e João saíram de trás do balcão e eu me levantei. Caminhamos até o lado de fora e trancamos a porta.

O Sr. Luís Cardoso raramente aparecia por ali. Geralmente entre terça e quarta. Eu não o via há várias semanas. João, Luciano e eu ficávamos responsáveis por gerenciar a empresa na maior parte do tempo. Bem... mais eles do que eu...

— E aí, Alan... — falou Luciano —, foi difícil convencer o chefe da vidraçaria a assinar o seguro?

— Nem um pouco... — respondi —, foi um dos mais fáceis dos últimos tempos... bem, quando você tem experiência em fazer isso, quase todos eles são fáceis de convencer... eu deveria ganhar um salário maior por isso... toda essa eficiência e constância por um pagamento minúsculo como o meu... sou o trabalhador mais mal valorizado dessa empresa...

— Alan... — disse João —, nós três recebemos o mesmo salário....

— Eu sei disso, João... eu sei...

Chegamos no bar rapidamente e fomos até uma das mesas. Era um local agradável, apesar das mesas de plástico ao ar livre.

Pedimos a primeira rodada de cerveja e enchemos os copos.

— É hora de beber para esquecer... — falou Luciano, depois de secar quase metade do copo no primeiro gole.

— O que é que você está querendo esquecer? — perguntou João.

— Ou melhor... QUEM? — complementei.

— Bem... — começou Luciano —, o nome dela é Tamires... estamos saindo há umas duas semanas... mas o caso é que eu não sei bem até onde isso vai ir...

— Você nunca sabe... — respondi.

— É que eu não sei se ela é realmente a pessoa certa...

— A resposta é sempre não...

— Como você poderia saber?

— As duas últimas pessoas com quem você se envolveu foram uma fundamentalista cristã e uma alcoólatra. O que elas tinham em comum? Não eram a pessoa certa...

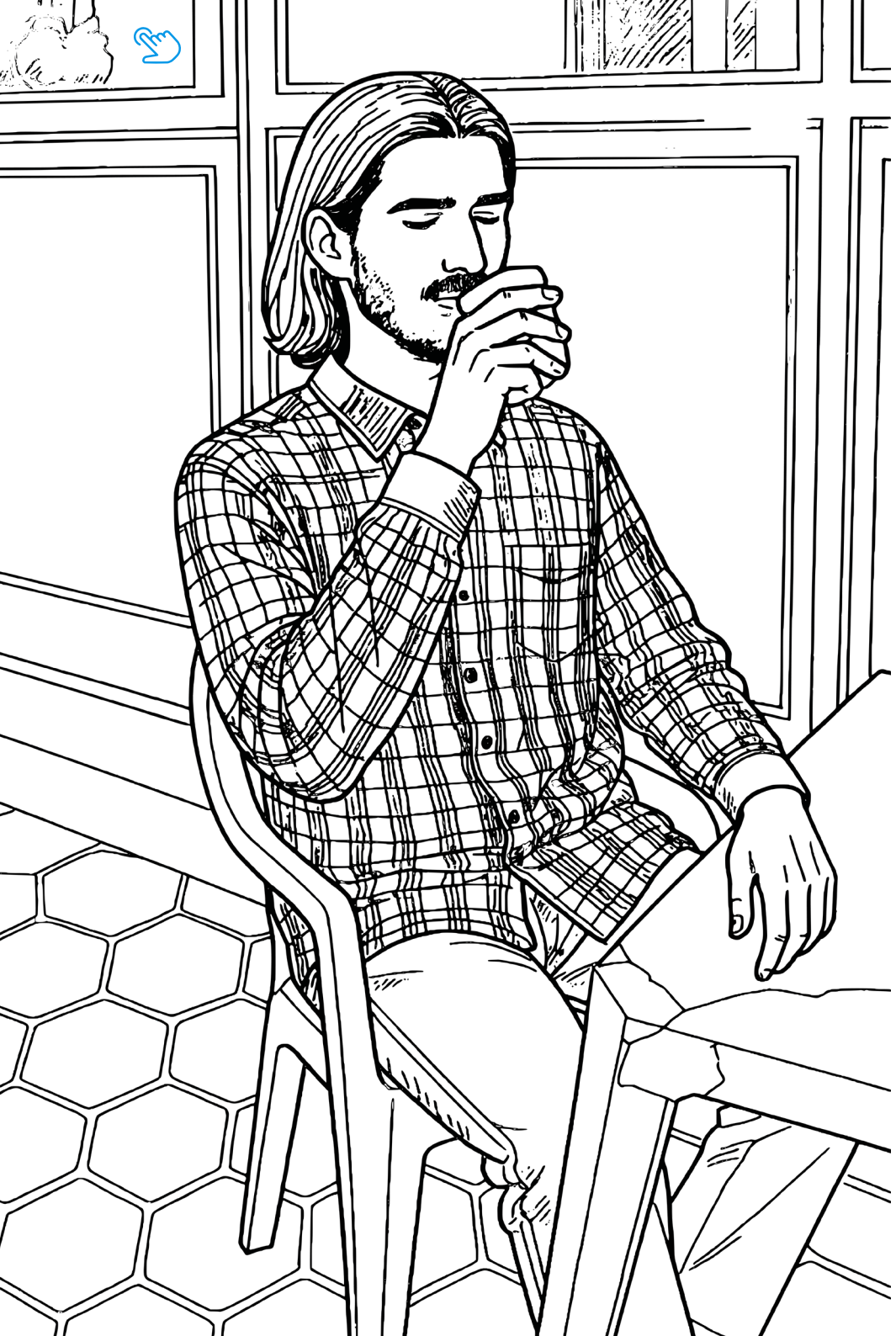
— Bem... com a Tamires, as coisas tem sido mais fáceis... mas... eu acho que ela talvez tenha que se mudar de cidade em breve... foi o que ela disse, ao menos.

— É claro...

Servimos mais uma vez os copos e bebemos. Pedimos a segunda rodada logo em seguida.

— Eu sei que você também está envolvido com alguém — falou Luciano, olhando para João —, não adianta tentar esconder.

— É... — respondeu João, olhando para baixo e pressionando a mandíbula —, dá pra dizer que sim... eu convidei a Sara para



sair há alguns dias... nós não nos falávamos há tempos... mas ela acabou desmarcando por estar gripada... depois não mencionou outra data para sairmos...

— Você está saindo com a SARA? — exclamou Luciano. — Pensei que você estava saindo com a Jéssica...

— Com ela também... Nos encontramos semana passada em uma festa... só que ela me falou que estava criando sentimentos por outra pessoa e queria dar um tempo... aceitei bem, mas... eu tinha ido à festa só por causa dela...

— Que droga...

— Era um lance casual, sem sentimentos... e ela nem beijava tão bem assim... mas foi difícil... podia ter sido diferente...

— Você tinha sentimentos por ela? — perguntei.

— Não... ela era meio... intensa demais... sempre ligando e mandando mensagens... às vezes eu nem respondia...

— Então por que isso foi difícil para você?

— Eu não sei... eu suponho que eu não queria que isso parasse... eu até gostava de me sentir bajulado...

— Se você tivesse desenvolvendo sentimentos por outra pessoa, você faria o mesmo com ela, não é mesmo?

— Sim...

— Então foi difícil para você simplesmente descobrir que ela sentia por você exatamente o mesmo que você por ela?

— É... Talvez sim...

Balancei a cabeça levemente e bebi mais um gole de cerveja.

— Bem... — falou Luciano —, talvez você encontre a Sara hoje na festa...

— Quem sabe... — respondeu João.

— Vocês ainda vão a uma festa hoje? — perguntei.

— Claro... — respondeu Luciano —, tem uma ótima na Universidade, que começa cedo... vamos daqui direto para lá... mas não suponho que você queira ir, então vamos poupar você dessa...

— Acertou em cheio — falei —, muito obrigado....

Pedimos mais algumas rodadas e os dois conversaram a maior parte do tempo sobre a festa que iriam e eu fiquei em silêncio, bebendo e observando.

Saímos de lá por volta das 22h30, eles pegaram ônibus de um lado da rua e eu do outro. A linha que eu peguei não parava em frente à minha casa, então desci um pouco antes, em frente ao BIG. Caminhei até o fim da quadra, sob o grande "M" amarelo, e avistei Caroline do outro lado da rua - aquela que cantava, tocava violão, pintava, atuava, dançava e era vegetariana. Pelo que dava para ver, o cabelo estava verde e azul. Estava de mãos dadas com um rapaz magricelo, da altura dela, de camisa social, jeans preto e sapatênis.

Era escuro por ali e nem dava para confirmar se era ela mesmo. Não olhei muito, virei à esquerda e continuei caminhando, tirando o cabelo dos olhos de vez em quando. Pensei que talvez eu devesse cortá-lo, mas logo desisti da ideia.

Às vezes eu bebia para escrever. Mantinha algumas garrafas de cerveja na geladeira e, de vez em quando, abria uma enquanto digitava. Foram assim minhas noites de sábado e domingo. Bebendo e escrevendo, enquanto um casal aleatório aproveitava a estadia no quarto número 4 da pensão da Sra. Lourdes. O ritmo deles era rápido, e o meu também: escrevi umas 6 ou 7 páginas nessas noites.

E agora era segunda-feira, e eu já estava de pé, preparando o almoço. Eram 12h20, mais ou menos. Eu havia até tomado café da manhã pela primeira vez em vários meses. Sei lá, de vez em quando você acorda com vontade de viver.

Logo depois, eu embarquei em um ônibus em direção à Cardoso Seguros, para coletar os documentos da semana. Eu sentei próximo ao fundo à esquerda. Havia poucas pessoas por perto. Era um dia nublado e abafado de janeiro. Mais um nessa cidade, nesta magnífica cidade, onde o verão é infernal e o inverno é congelante. O cenário do meu primeiro grande ROMANCE, que me levaria daqui em direção à imortalidade.

Desembarquei em frente à empresa, entrei pela porta e fui em direção ao balcão, onde estava João. Ele olhou para mim e esboçou um sorriso leve.

— Aí está nosso menino de ouro! — falou ele.

— Aqui estou — respondi, acenando também para Luciano, que estava logo atrás.

— Tudo indo bem com você?

— Não poderia estar melhor. Sou experiente e competente no meu trabalho. Ganho um salário por isso. Moro sozinho. E estou escrevendo meu primeiro grande ROMANCE, que vai fazer essa cidade e eu sermos finalmente apreciados e reconhecidos do jeito que merecemos. O que mais eu poderia querer, não é mesmo?

— Que ótimo que você esteja bem, Alan. E quando você terminar o seu livro, eu quero ler, hein? Você vai ter que me providenciar uma cópia.

— E para mim também — Exclamou Luciano, lá de trás.

— É claro, é claro... mas e vocês, como estão? Como foi a festa na sexta?

— Bem ruim, na verdade... — respondeu João —, não tinha ninguém conhecido, as bebidas eram caras, as músicas eram chatas... decepcionante...

— Bem, eu não saberia diferenciar uma festa boa e uma ruim, então...

— Ó, aqui está — disse João, me entregando as informações sobre a empresa que eu deveria visitar.

— Mais um estabelecimento prestes a contratar os serviços da Cardoso Seguros...

— É isso aí...

— Bem, já vou indo... até sexta!

— Até mais, Alan — responderam João e Luciano.

Saí dali e fui em direção à parada. Dessa vez havia mais gente no ônibus e eu sentei próximo ao centro do veículo.

Em um dos bancos à minha frente, um homem jogava no celular com o volume alto. Era um jogo em que você arremessava objetos com um estilingue para derrubar estruturas de madeira e cimento e metal. Ele devia ter pouco mais de 40 anos e usava o uniforme de uma empresa de limpeza da cidade.

Ninguém em volta parecia se incomodar. Eu fiquei observando a cena por alguns instantes e logo me virei em direção à janela. O sol ainda brilhava e refletia no asfalto, enquanto o ônibus passava por ali em alta velocidade. Fiquei com a cabeça encostada no vidro durante o resto do trajeto, com um sorriso que era mais interno que externo.

Desci algumas paradas antes de casa e fui até o BIG. Circulei pelos lugares mais comuns, onde estava o arroz, as batatas, os tomates, a carne... e nesse dia eu comprei até sabonete e shampoo...

Antes de sair, fui até uma seção onde havia molhos, temperos e outros enlatados. Eu nunca comprava nada daquilo, mas simplesmente decidi vagar por ali. O supermercado era um lugar interessante para uma caminhada desestressante. Muito mais do que qualquer rua ou praça. Havia menos pessoas, tinha ar-condicionado e mais coisas interessantes para olhar.

Eu estava encarando uma das prateleiras quando ouvi uma voz feminina.

— Ei, moço? — disse ela.

É claro. Era uma das funcionárias, tentando me oferecer um cartão de crédito. Por sorte, eu já conhecia o protocolo. Ela perguntaria "você já possui o nosso cartão de crédito?" e eu simplesmente responderia "sim". Era o jeito mais simples, sem complicações, sem drama... algo que deveria ser ensinado nas escolas, mas não era...

Virei em direção a ela.

— Você gostaria de fazer o nosso cartão de crédito? - falou.

Eu olhei para ela e demorei um instante para responder. Ela tinha cabelos castanhos e ondulados na altura do ombro, cerca de 1,69m e algumas sardas no rosto.

Olhou para mim com seus olhos castanhos e eu respondi gaguejando levemente.

— Como é? — perguntei.

— Você gostaria de fazer o nosso cartão de crédito?

— Ah... bem... é que eu estou com um pouco de pressa.

— Não tem problema, é bem rapidinho! Só preciso de um documento seu.

— Ah é? Mas... eu acho que eles não vão aprovar um cartão de crédito para mim...

— Bem, nós podemos tentar, não é mesmo?

— Quem sabe...

— Eu só preciso de um documento. Aí eu vou lá, faço o seu cadastro bem rápido e já volto aqui.

Ela continuava olhando para mim daquele jeito e nesse momento eu cometi o erro de olhar de volta.

— É... tudo bem... tome aqui... - coloquei a mão no bolso e entreguei minha carteira de identidade.

Ela pegou o documento e digitou alguma coisa em um tablet que tinha na mão.

— Volto rapidinho — disse ela, afastando-se de mim.

— Vou ficar por aqui mesmo.

O que DIABOS eu havia acabado de fazer? Eu sabia como lidar nesse tipo de situação! Eu não precisava de um cartão de crédito, eu NÃO QUERIA um cartão de crédito! Como eu pude me deixar simplesmente ser convencido? Como eu pude simplesmente entregar a minha carteira de identidade?

Não havia nada mais a ser feito e eu fiquei circulando pelas mesmas prateleiras por alguns minutos. Porque eu havia sido enganado. Porque eu havia sido vencido. Uma funcionária com sorriso largo e sardas nas bochechas era mais esperta que eu.

Peguei uma lata de extrato de tomate e fiquei encarando a embalagem como se realmente tivesse interesse nisso. Porque eu precisava ficar por ali. Alan, Alan... ainda sem saber conversar com estranhos... ainda enrolando a língua ao falar em público... como eu poderia escrever sobre o mundo se eu tinha tanto medo dele?

Alguns instantes depois, eu a avistei vindo em minha direção com a identidade na mão. Virava a cabeça de um lado para o outro, procurando por mim. Até que me localizou e caminhou até onde eu estava.

— Alan... — disse ela —, eu estava fazendo o seu cadastro, mas... não tem o número do seu CPF na identidade... você tem ele aí?

— Deixa eu ver... — falei enquanto mexia na carteira —, não... não estou com ele aqui...

(Ele estava ali).

— E você não sabe o número de cabeça? — perguntou ela.

— Não...

(Eu sabia).

— Bem... — disse ela —, eu realmente precisava do número do CPF para fazer o cadastro...

— Sinto muito... mas eu posso voltar outro dia e trazê-lo...

— Tudo bem... se você fizer isso, é só me encontrar por aqui...

Ela me entregou um pequeno folheto do supermercado e nós nos despedimos. Dei alguns passos e olhei para trás, mas ela já havia sumido de vista. Fui em direção ao caixa. Paguei pelos produtos e caminhei até a minha casa. Tirei o folheto do bolso e larguei sobre a escrivaninha próxima à cama. Fui ao banheiro, depois até a cozinha, tirei uma garrafa de cerveja da geladeira e sentei em frente à tela.

Tomei um gole, apoiei o braço sobre a mesa e fiquei alguns minutos apenas encarando o teclado. Virei a cabeça e olhei para o folheto. Peguei com a mão direita e fiquei olhando. Percebi que era um papel dobrado e decidi abri-lo. Na parte de dentro, estava escrito de caneta “Luíza” e um número de celular logo abaixo.

Fiquei encarando por um momento e coloquei de volta sobre a mesa. Olhei para a tela e para o teclado. Peguei o folheto e abri novamente. “Luíza”... e 9 números, um após o outro.

Larguei novamente e coloquei as mãos sobre o teclado, fixei os olhos na tela e escrevi um parágrafo inteiro.

“Luíza. Luíza, Luíza, Luíza,

Luiza. Luiza. Luiza. Luiza
Luiza. Luiza. Luiza. Luiza
Luiza. Luiza. Luiza. Luiza
Luiza. Luiza. Luiza, Luiza
Luiza. Luiza. Luiza. Luiza
Luiza. Luiza. Luiza, Luiza
Luiza. Luiza. Luiza. Luiza
Luiza. Luiza. Luiza, Luiza

No dia seguinte, eu decidi ir até a empresa que eu precisava visitar naquela semana. Procurei o documento com as informações e verifiquei o endereço. Eu sabia como chegar até lá. Então, fui trocar de roupa.

Era por volta de 15h. A Sra. Lourdes já havia trazido um par de bolinhos recém assados em pequenas formas de papel. Todos os dias, aquela magnífica alma me lembrava do quão bem ela cozinhava. E como cozinhava.

Eu havia acordado cedo, preparado o almoço e lavado a louça. E agora estava calçando meus tênis pretos, me preparando para conseguir mais um cliente para a Cardoso Seguros. Eu estava decidido a simplesmente ir até lá, sem telefonemas ou e-mails para agendar um horário.

Peguei a chave e saí em direção à parada. O ônibus chegou uns 5 minutos depois.

A empresa escolhida era um posto de combustíveis, então eu sabia que não seria difícil vender um plano de seguro contra incêndios. E não era de nenhuma das grandes redes de postos da cidade. Era um negócio familiar, o dono tinha uma casa, uma esposa e provavelmente alguns filhos para cuidar, o que faria o negócio ainda mais fácil.

Entrei na loja de conveniências e falei para a atendente que queria conversar com o gerente. Ela o chamou e pediu que eu aguardasse alguns minutos. Respondi positivamente e fiquei circulando por ali, desejando tudo que vendiam: balas, salgadinhos, refrigerantes, chocolates, sorvete...

O dono do local chegou e me falou para entrar. O nome dele era Leandro Banega, e era mais um daqueles chefes comuns: barba feita, cabelo puxado para trás, camisa social, sapatos pretos e um jeans largo. Até que era jovem, devia estar na casa dos 40.

Tinha quase os mesmos 1,77m que eu, porém com muito mais vigor. Falava de maneira rápida e sorridente, o que eu achei interessante, apesar de não entender quase nada.

Comecei com o meu método tradicional, elogiando a empresa e apontando os riscos de um acontecimento inesperado. Mas isso não funcionou e ele simplesmente continuou tagarelando e rindo e sorrindo. Ficamos lá por quase uma hora e meia. Foi só quando ele começou a falar sobre como era incrível o fato de eu ser tão jovem para fazer esse tipo de trabalho que a coisa começou a andar. Eu nem precisei falar nada, só fingi ouvir o que ele tinha a dizer. Quando voltei a prestar atenção, ele estava pedindo para contratar nosso plano mais caro.

Entreguei o contrato e ele assinou entusiasmadamente. Apertei a mão dele ao me despedir e fui em direção ao ponto de ônibus.

Quando eu já estava com a cabeça encostada no vidro em um assento à esquerda, comecei a pensar sobre onde desceria. Eu queria ir até o supermercado, mas não tinha o que comprar, nem muito dinheiro para gastar.

Lembrei que as minhas garrafas de cerveja estavam acabando, e eu tinha alguns trocados na carteira que seriam suficientes para comprar uma ou duas. Sorri levemente encarando o asfalto. Sim, sim, sim... eu precisava comprar cerveja, porque eu bebia quando escrevia... e eu estava escrevendo meu primeiro grande ROMANCE...

Desci em frente ao BIG e entrei. Circulei um pouco e fui até as bebidas. Peguei duas garrafas e voltei a andar por entre as prateleiras, como se estivesse em um grande labirinto.

Passei pela carne, pelos biscoitos, pelos produtos de limpeza, pelas frutas e pelas rações de cachorro. Eu olhava entre as pessoas, mas eram todas como eu já conhecia. Estavam interessadas nos produtos, queriam comprar o que precisavam e ir embora. Não tinham vidas em que era possível simplesmente caminhar pelo supermercado sem motivo algum. Fiquei triste por elas.

Foi só quando estava próximo de onde ficavam os pães que eu a avistei. Bem do jeito que eu lembrava, com o cabelo castanho e ondulado, as sardas, o uniforme vermelho e um sorriso tão, tão alegre.

— Alan? — disse Luíza.

— Olá... — respondi gaguejando, em um tom baixo demais e com um sorriso constrangedor.

— Lembrou de trazer o CPF hoje?

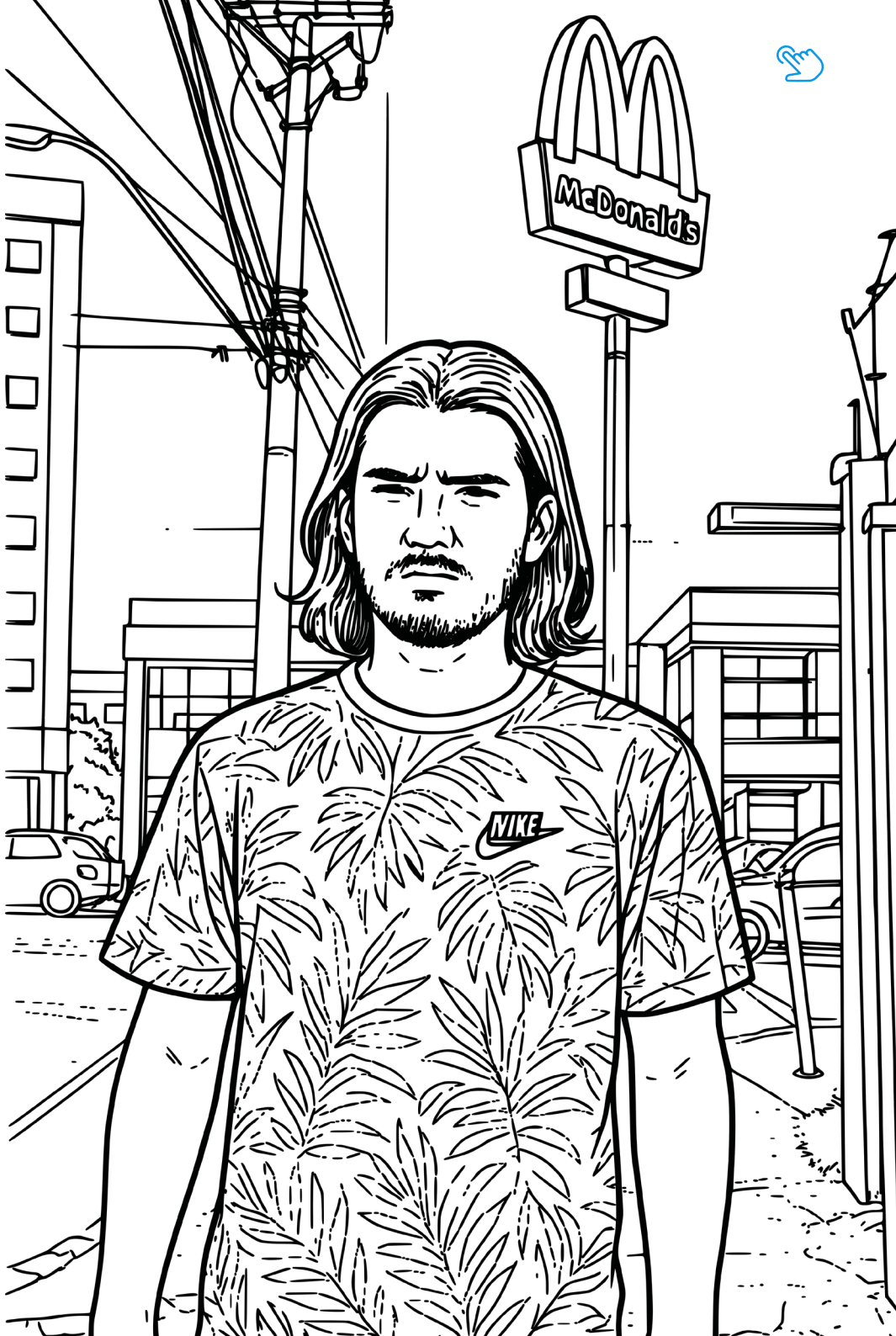
— Ah... não, esqueci de novo...

— Não pode esquecer mais, hein? Tem que lembrar de trazer da próxima vez...

— Vou lembrar sim... prometo.

Ambos sorrimos e eu segui caminhando. Dei uma volta grande pelo supermercado e fui até o caixa. A atendente era a minha favorita. Estava sempre de bom humor. Geralmente me cumprimentava e falava alguma coisa qualquer para puxar assunto. Mas eu não sabia seu nome, pois os funcionários não usavam crachá no local. Era uma senhora que devia ter uns 55 anos. Tinha a pele pálida e coberta por maquiagem, era franzina e tinha cabelos castanho claro.

Paguei as duas cervejas e fui caminhando por aquelas calçadas que eu conhecia bem. Dobrei à esquerda, sob o grande "M" amarelo, e segui em direção ao quarto número 2 da pensão da Sra. Lourdes, observando o crepúsculo que os últimos raios de sol formavam no horizonte.



Nos dois dias seguintes, eu realmente não tinha o que comprar no supermercado, então simplesmente fiquei em casa. Bebendo, escrevendo, dormindo e cozinhando. Meu primeiro grande ROMANCE estava começando a ganhar corpo. Eu já havia escrito metade dele. Essa cidade, esse quarto e esse maldito escritor fracassado iriam finalmente ser reconhecidos e apreciados.

Acordei depois do meio-dia na sexta-feira. Eu havia exagerado um pouco na bebida na noite anterior. Fiquei encarando as paredes por um tempo, sem fome, sem sono, sem propósito. Bebendo água de uma garrafa plástica e indo ao banheiro a cada 20 minutos. Somente os dois pedaços de bolo de chocolate que a Sra. Lourdes trouxe por volta das 15h foram capazes de levantar o meu espírito.

Coloquei algumas roupas decentes e logo eu estava em mais um ônibus, observando a rua pela janela. Desci próximo à Cardoso Seguros e entrei pela porta.

Avistei o Sr. Luís Cardoso sentado confortavelmente atrás do balcão. Sorriu ao perceber minha presença.

— Alan! — disse ele. — Meu garoto de ouro!

— Olá, Sr. Luís... onde estão o João e o Luciano?

— Decidi vir aqui hoje e dei uma folga a eles. Estavam falando tanto sobre alguma festa em que queriam ir... então liberei os dois mais cedo.

— O Sr. sabe que festas costumam acontecer tarde da noite, não é?

— Ah é? Bem... os dois merecem um descanso de qualquer maneira...

— É... enfim, aqui está o contrato dessa semana — falei ao colocar a folha sobre o balcão.

— Muito bem, Alan... muito bem... essa empresa era muito importante, e você conseguiu vender nosso pacote mais caro... você tem feito um ótimo trabalho recentemente, sabia disso?

— Obrigado por notar, Sr. Luís...

— Realmente muito, muito bom...

Ele ficou alguns instantes olhando para o contrato e esboçando sorrisos orgulhosos.

— Bem, vou fechar tudo aqui e ir para casa — falou logo em seguida. — Já fizemos o suficiente por hoje.

— Bem, eu já vou indo então...

— Tudo bem... até mais, Alan.

— Até mais.

Sim, o maldito poderia ao menos ter considerado um aumento de salário por um trabalho bem feito com tamanha constância. Mas não, é claro que não...

Caminhei até a parada tentando não pensar sobre isso. Era um fim de tarde agradável, por volta de 17h30. O sol ainda podia ser visto e sentido.

Embarquei no ônibus e peguei o último assento à esquerda. Um grande erro, pois o banco da frente ficava próximo demais e as minhas pernas ficavam totalmente esmagadas.

Depois de uns 20 minutos de dor e desconforto, desci em frente ao BIG. Entrei e comecei a circular calmamente, virando a cabeça de um lado para o outro e observando atentamente as pessoas em volta.

Ela estava próxima ao setor de roupas, segurando seu tablet. Luíza, é claro. Estava de costas. Eu a reconheci pelo uniforme vermelho e o cabelo ondulado, que estava preso. Passei ao seu lado sem olhar e virei o rosto discretamente.

— Olá... — falei de maneira esquisita.

— Olá... — respondeu com um sorriso leve e não tão alegre dessa vez.

— Eu... eu... trouxe o CPF dessa vez...

— Ah... podemos fazer o seu cadastro, então...

— Claro...

— Vem comigo.

Foi caminhando entre as pessoas até um local próximo à saída do supermercado, onde havia alguns computadores. Sentou de um lado da mesa e eu do outro. Entreguei os documentos e ela começou a digitar. Perguntou meu endereço, estado civil, número de telefone... e eu respondi, tentando não gaguejar.

Ela ficou em silêncio por alguns instantes digitando e olhando para a tela. Encarou por mais uns segundos e expressou decepção.

— Alan... — disse ela —, você não foi aprovado para ter o nosso cartão de crédito...

— Ah... tudo bem... era o que eu esperava...

— Mas... veja... eu vou deixar o seu cadastro aqui. Isso pode mudar em algumas semanas ou meses... então, você pode tentar de novo daqui um tempo.

— Claro, claro... vou fazer isso.

— E qualquer coisa, você pode me procurar por aqui.

— Entendi.

— Obrigado pelo interesse e desculpas por não poder oferecer o cartão...

— Não tem problema...

Levantei da cadeira e me despedi de Luíza com um aperto de mão bastante estranho.

Saí e fui caminhando até a minha casa. A noite já começava a cair, as luzes dos postes já começavam a acender, a lua já estava visível e a temperatura já estava mais baixa.

Foi só na metade do trajeto que eu percebi que havia saído do supermercado sem comprar nada. Tive que ir até uma pequena padaria a umas duas quadras dali, para não passar fome nos dias seguintes.

Não consegui escrever na noite de sexta-feira. Nem nas duas seguintes. Três dias diluído em um quarto, sem ter para onde ir, sem ter o que fazer e sem conseguir dizer coisa alguma. Noites acordado, observando o chão, a parede, o teto e acompanhando a agitação do quarto ao lado, o quarto número 4 da pensão da Sra. Lourdes. O único em que havia alguma ação regularmente.

Eu suponho que o que eu fazia durante os fins de semana era um mistério para muitas pessoas. E era um mistério para mim também. Eu simplesmente trancava a porta e as janelas e tentava me esconder do mundo, das pessoas, da sociedade e da cidade. A cidade sobre a qual eu estava escrevendo meu primeiro grande ROMANCE. Ou a menos tentando. Porque eu já não escrevia uma palavra sequer há três dias. Tudo que eu pensava em escrever parecia fraco e sem inspiração. Talvez eu não fosse capaz de colocar no papel tudo que eu tinha em mente para aquele livro.

Nem sempre você consegue ser o artista imortal que imagina ser. Mas eu era persistente. Acordei às 9h na segunda-feira e sentei em frente ao teclado. As palavras que saíam pareciam forçadas e sem brilho. Fui até a geladeira e busquei uma garrafa de cerveja. Voltei até a escrivaninha, bebi longos goles e esperei o efeito chegar. Eu ficava tonto com poucos copos, apesar de precisar de uma grande quantidade para perder a consciência.

Com a cerveja, as palavras melhoraram, mas não muito. Eu simplesmente não estava na minha melhor fase criativa. Mas ao menos eu estava escrevendo novamente.

Continuei tentando melhorar meu humor. Decidi cozinhar macarrão com molho de tomate e frango. Meu melhor almoço em vários meses. O melhor escritor da cidade também era um excepcional cozinheiro. O mundo era um lugar pequeno demais para mim.

Segui escrevendo depois do meio-dia e percebi que eu finalmente havia retomado meu ritmo. Digitava frases vibrantes, originais e profundas, que surgiam uma depois da outra. O macarrão havia funcionado melhor que a cerveja... quem diria?

Escrevi por algumas horas, mas por volta das 15h lembrei que eu ainda era dependente de um salário e me levantei da cadeira. Troquei de roupa, peguei a chave e olhei para a escrivaninha. Lá estava o pequeno folheto do supermercado, em uma das beiradas da mesa. Fui até lá, peguei com a mão e abri. “Luíza” e nove números escritos de caneta... encarei por alguns instantes e coloquei no bolso da calça.

Saí de casa, atravessei a rua e embarquei em um ônibus em direção à Cardoso Seguros. Entrei pela porta principal e fui em direção ao balcão, onde estava João. Usava camisa xadrez e calças justas, que combinavam com seu tênis de marca estrangeira. Nada fora de seu estilo característico.

— Quanto tempo, João! — falei. —, Não via você desde as suas férias.

— Foi só uma sexta-feira de folga, Alan. O chefe estava aqui e estava feliz, nós só aproveitamos a oportunidade de sair mais cedo.

— Entendo... e o Luciano, onde está?

— Viajou com o Sr. Luís para resolver alguns negócios. Saíram hoje de manhã.

— O Sr. Luís esteve aqui hoje?

— Sim e estava bastante feliz de novo. E você é uma das razões, ele elogiou você várias vezes.

— Bem... não posso dizer que ele está errado...

— De qualquer forma, ele quer que você consiga assinar com esse estabelecimento aqui - apontou para o documento onde estavam as informações sobre a filial de uma empresa nacional de telefonia. - Estamos tentando convencê-los há um bom tempo, mas como é um negócio grande, não tem sido fácil.

— Vou ver o que consigo fazer - disse eu, ao pegar o documento.

— Acho que você consegue trazer esse contrato assinado.

— É o que tenho feito nas últimas semanas. Até mais, João.

— Até mais.

Saí dali e fui esperar o ônibus, que chegou uns 15 minutos depois. Desci algumas paradas antes de casa.

Eu estava tão confiante quando entrei no BIG... sorrindo e cumprimentando pessoas que eu nem conhecia... mas logo nos primeiros instantes lá dentro, isso foi mudando.

Fui andando enquanto olhava de um lado para o outro, ainda esperançoso. mas tudo que havia por ali eram clientes. Cheguei até o canto do supermercado onde ficavam os pães, depois o arroz, a carne, as batatas, o sal, o azeite, as cebolas... e não avistei nada além de CLIENTES...

Passei algum tempo escolhendo a marca de cerveja que levaria. Quando decidi, ainda assim não encontrei ninguém. Fui até a prateleira dos molhos e temperos. Eu tinha certeza que seria diferente por lá. Mas não foi.

Levei os produtos até o caixa e paguei. Era a funcionária bem-humorada que eu gostava, mas quase não tive disposição para retribuir o sorriso. Saí caminhando pela calçada com as sacolas, passando por aquele estúpido "M" amarelo, que era símbolo do lugar onde diversas pessoas iam para devorar uma comida gordurosa e nojenta, servida por funcionários mal pagos e maltratados.

Abri a porta de casa, fui ao banheiro, voltei e sentei em frente à escrivaninha. Observei o teclado e a tela por alguns minutos. Coloquei a mão no bolso da calça e tirei o folheto do supermercado. Abri e encarei o nome e os nove números escritos de caneta.

Peguei o meu celular e comecei a digitar os números. Hesitei por alguns instantes mas logo apertei o botão para ligar. Coloquei no ouvido e fiquei aguardando.

— Alô? — disse uma voz feminina.

— Alô...

— Quem fala?

— Sou eu... eu, Alan... aquele do cartão de crédito...

— Ah... Alan... Olá...

— Bem, na verdade eu não fui aceito para ter um cartão de crédito...

— É... eu lembro...

— Não suponho que a situação tenha mudado nos últimos dias... quero dizer, acho que eles ainda não estão dispostos a me oferecer um cartão...

— Provavelmente não...

— É uma pena...

— Alan... você não está realmente ligando por causa do cartão de crédito, está?

— Bem... acho que não...

— Imaginei...

— Eu até gosto de falar sobre cartões de crédito, mas...

— Olha, Alan... Por que nós não conversamos pessoalmente? Sobre seja lá o que você quiser falar. Que tal amanhã? Saio do BIG às 18h. Você pode me esperar por lá mesmo.

— Acho que pode ser sim...

— Então está marcado... Até amanhã, Alan...

— Até...

Desliguei e coloquei o celular sobre a escrivaninha. Depois disso, não havia outra coisa a ser feita: busquei uma garrafa de cerveja na geladeira, abri, coloquei as mãos sobre o teclado e escrevi noite adentro.

Quando o dia seguinte chegou, eu sabia que explodiria se ficasse em casa. Alguém teria que limpar o sangue das paredes e recolher meus órgãos do chão. E eu não queria dar esse trabalho à Sra. Lourdes ou a seja lá quem tivesse que fazê-lo.

Então, levantei da cama às 11h30, após uma noite bastante produtiva em frente ao teclado. Fui preparar o almoço e voltei à tradicional receita: arroz, batata, bife, tomate... e percebi que até que não era tão ruim, afinal.

Passei um tempinho na escrivaninha, adicionando algumas palavras ao meu primeiro grande ROMANCE. Mas não muitas, pois não havia tempo.

Saí de casa por volta das 15h. Decidi utilizar a mesma técnica da semana passada: ir até o endereço da empresa que eu precisava visitar naquela semana sem qualquer aviso prévio.

Embarquei em um ônibus em direção ao centro da cidade, onde ficava o estabelecimento, que era a filial de uma grande empresa nacional de telefonia.

Entrei e fui falar com a recepcionista, que estava de pé próxima à entrada. Era jovem, ruiva, pálida, usava calça jeans larga e tinha um piercing no lábio inferior. Expliquei meu objetivo e ela começou a deslizar o dedo indicador sobre um grande tablet cinza. Ficou alguns instantes encarando a tela e então me devolveu a atenção.

— A gerente vai estar disponível para conversar com você daqui a pouco — falou ela —, é só aguardar alguns minutos, tudo bem?

— É claro.

Sentei em um dos bancos que havia por ali e fiquei esperando. Tinha diversas pessoas em volta, aguardando por atendimento. Parecia ser um dia bastante agitado.

Ao fundo do estabelecimento havia várias mesas redondas, onde clientes e funcionários sentavam frente a frente. Ao meu lado, tinha um balcão com alguns celulares que estavam à venda. E à minha frente, estava uma grande televisão pendurada na pare-

de, que exibia os números das fichas de atendimento. Lembro bem do lugar, pois fiquei um bom tempo esperando sentado, olhando em volta.

Foi só quando uns 55 minutos já haviam passado que a jovem ruiva falou comigo novamente.

— A gerente não vai estar aqui hoje — disse ela —, você pode tentar de novo amanhã, se quiser.

— Ah... tudo bem, vou fazer isso.

Levantei do banco e caminhei até a saída. Era uma sensação estranha, sair sem ter conseguido nada com a empresa. Mas era parte do ofício, parte da vida. Não se pode ganhar sempre, apesar de eu geralmente ganhar nesse jogo.

Era uma tarde quente e ensolarada, pouco depois das 16h. Decidi caminhar um pouco pelo centro, para gastar tempo.

Era uma cidade tão rica, tão cheia de coisas para serem relatadas. Como ninguém havia escrito sobre o homem que pintava o corpo com tinta cinza e ficava parado como uma estátua na praça principal? Como ninguém havia escrito sobre a grande igreja cujo sino soava sempre atrasado? Como ninguém havia escrito sobre o grande chafariz que só em certas partes do ano ficava cheio de água? Bem, eu iria escrever. Estava escrevendo. Meu primeiro grande ROMANCE.

Por volta das 17h, embarquei no ônibus de volta. Ainda chegaria cedo demais, mas pensei que isso provavelmente não seria um problema.

Desci em frente ao BIG mas decidi não entrar. Sentei em um dos bancos de uma pequena praça que ficava próxima dali. Tinha alguns brinquedos de criança e era frequentada quase exclusivamente por pais e filhos. Um lugar tranquilo. Fiquei lá, olhando para os lados e esperando o tempo passar.

Quando ele passou e as 18h chegaram, entrei no supermercado. Logo avistei Luíza, perto da entrada. Usava o uniforme vermelho, não tinha maquiagem no rosto e o cabelo estava preso. Caminhei em direção a ela.

— Olá! — falei ao chegar.

— Ei, Alan! — respondeu ela, virando-se na minha direção.

— Tudo certo para hoje?

— Claro, vou só pegar minhas coisas e trocar de roupa.

Fui com ela até os fundos do supermercado, onde havia os banheiros e os armários dos funcionários. Ela caminhou até lá e eu fiquei esperando em um corredor próximo.

Deve ter passado uns 10 minutos. Ela saiu usando uma blusa branca, uma bolsa preta no ombro esquerdo, batom vermelho nos lábios e maquiagem leve no rosto. Os olhos castanhos, as sardas e o cabelo escuro e ondulado, que reluzia e despencava sobre os ombros: tudo estava lá, do jeito que eu lembrava. Mas, de alguma forma, melhor ainda...

Saímos pelos fundos do supermercado e caminhamos um pouco lado a lado. Ainda estava quente e o sol estava começando a ir embora.

— Então — falou Luíza —, você já tem algum lugar em mente onde podemos ir?

— Não exatamente.

— Bem, eu conheço um lugar, bem perto daqui, se você quiser.

— Claro, pode ser.

Chegamos em um pequeno bar que ficava a uma quadra do BIG, bem próximo da rodoviária. O lugar ficava acima do nível da calçada, e nós subimos uma escada para entrar. Sentamos frente a frente em uma mesa que ficava do lado de fora do estabelecimento, em uma espécie de laje, enxergando o topo dos carros na rua.

— Ei, Luíza! — disse o garçom ao chegar perto de nós. — Posso trazer a primeira rodada?

— Pode sim, Juliano! - respondeu ela.

Ele se virou e foi em direção ao balcão. Era magricelo, o cabelo era curto e escuro, tinha um cavanhaque grosso e usava uma camisa social preta, com o nome do bar estampado.

— Eles me conhecem pelo nome — falou Luíza. — É por causa do meu pai. Ele costumava vir bastante aqui. Ainda vem de vez em quando. Nós moramos nessa rua, a algumas casas daqui.

— Ah, é? Você ainda mora com ele?

— Com ele, minha mãe e meu irmão caçula.

— Ah... bem, deve ser bom estar próxima da família, eu suponho...

— Você mora com alguém?

— Não, moro sozinho...

— Sério? Você parece jovem demais para isso.

— Quem me dera... tenho 21. Mas moro sozinho há três anos, então...

— Você mora sozinho desde os 18 anos?

— Desde os 18 anos e alguns dias...

— Como isso aconteceu? Com quem você morava antes?

O garçom chegou na mesa com duas garrafas de cerveja e dois copos. Abriu e serviu os dois. Levantei meu copo logo em seguida e bebi quase a metade.

— Essa é uma boa cerveja, não é? — falei, ainda com um pouco de espuma sobre o lábio superior.

— É...

— É a minha marca favorita.

— Meu pai sempre bebe essa quando vem aqui. E eu também.

— Tem certeza que você tem idade para isso? Quero dizer, você aparenta ser jovem também, não me surpreenderia se tivesse menos de 18.

— Não, não... — respondeu ela, rindo levemente —, tenho 20 anos... apenas um a menos que você, viu só?

— E há quanto tempo você trabalha no BIG?

— Pouco mais de um ano.

— Eu nunca tinha visto você antes daquele dia do cartão de crédito.

— Eu trabalhava em outro setor.

— Ah... e é o seu primeiro emprego?

— É sim... eu comecei a trabalhar ali porque precisava de dinheiro para pagar um curso pré-vestibular.

— Ah é? E em que faculdade você quer entrar?

— Biologia. Quero ser professora. Logo que eu fiz 18 anos, entrei na faculdade de Psicologia. Mas fiquei só 6 meses e desisti. Aquilo não era para mim. Então, comecei a trabalhar e me preparar para o vestibular. Ia para o supermercado durante o dia e estudava à noite. Foi assim o ano passado inteiro. Mas agora já fiz a prova e estou só aguardando o resultado.

— E essa rotina não era difícil para você?

— Um pouco, mas sobrevivi.

— A sua família apoiou sua escolha de sair do curso de Psicologia?

— No começo foi complicado, mas com o tempo eles entenderam. Hoje em dia, me apoiam como podem.

— Isso é bom. Você parece ter um bom relacionamento com a sua família. Isso é raro...

— Bem, mas é uma questão de perspectiva...

— Como assim?

— É que eu só falei sobre as partes boas. Não mencionei que meu pai foi um alcoólatra bastante problemático por bastante tempo, e que às vezes ele tem recaídas. Não falei sobre minha raiva e tristeza de ver minha mãe ser tão submissa a ele. Não contei que eles estão constantemente brigando sobre dinheiro. Não disse que meu irmão está virando um adolescente mimado e irresponsável. Não falei que tenho um irmão mais velho que nós não vemos há cinco anos... algumas coisas a gente prefere não contar em um primeiro encontro, sabe?

— Sim, sim... entendo...

Ficamos em silêncio brevemente e eu levantei o copo e bebi um pouco mais.

— E essa situação com o seu irmão — disse eu —, como aconteceu?

Ela pegou o copo com a mão direita e bebeu por alguns instantes. Colocou de volta sobre a mesa e olhou para mim.

— Essa é uma boa cerveja, não é? — falou.

— É... - respondi, balançando a cabeça positivamente —, é sim...

Eu sorri e ela sorriu e nós continuamos ali, bebendo e sorrindo mais.

SOL
SOL

Conversamos e bebemos por uma hora e alguns minutos. Nenhum assunto muito memorável, apenas coisas que faziam um ao outro rir. E Luíza tinha uma risada tão alegre, divertida e melódica...

Ela se levantou e foi ao banheiro depois disso. Passou pelo balcão, conversou com o atendente e voltou.

— Vamos embora, Alan? - disse ela, de pé ao lado da mesa.

— Ah... vamos sim. Quanto ficou a minha parte da conta?

— Não se preocupa com isso. Eu coloquei na conta do meu pai. Ele é uma celebridade nesse lugar.

Levantei da mesa e descemos a escada até a calçada. Era uma noite abafada de céu estrelado, com as luzes dos postes e dos carros iluminando a rua. Caminhamos lentamente por um tempo e logo atravessamos a rua. Luíza parou em frente a uma das casas.

— Eu moro nessa — disse ela. — Vou ficar por aqui mesmo.

— Ah, é? E você vai simplesmente me deixar aqui?

— E qual o problema?

— Está de noite e eu preciso caminhar de volta para casa... com essas ruas escuras e perigosas... nunca se sabe que tipo de pessoa você pode encontrar por aí...

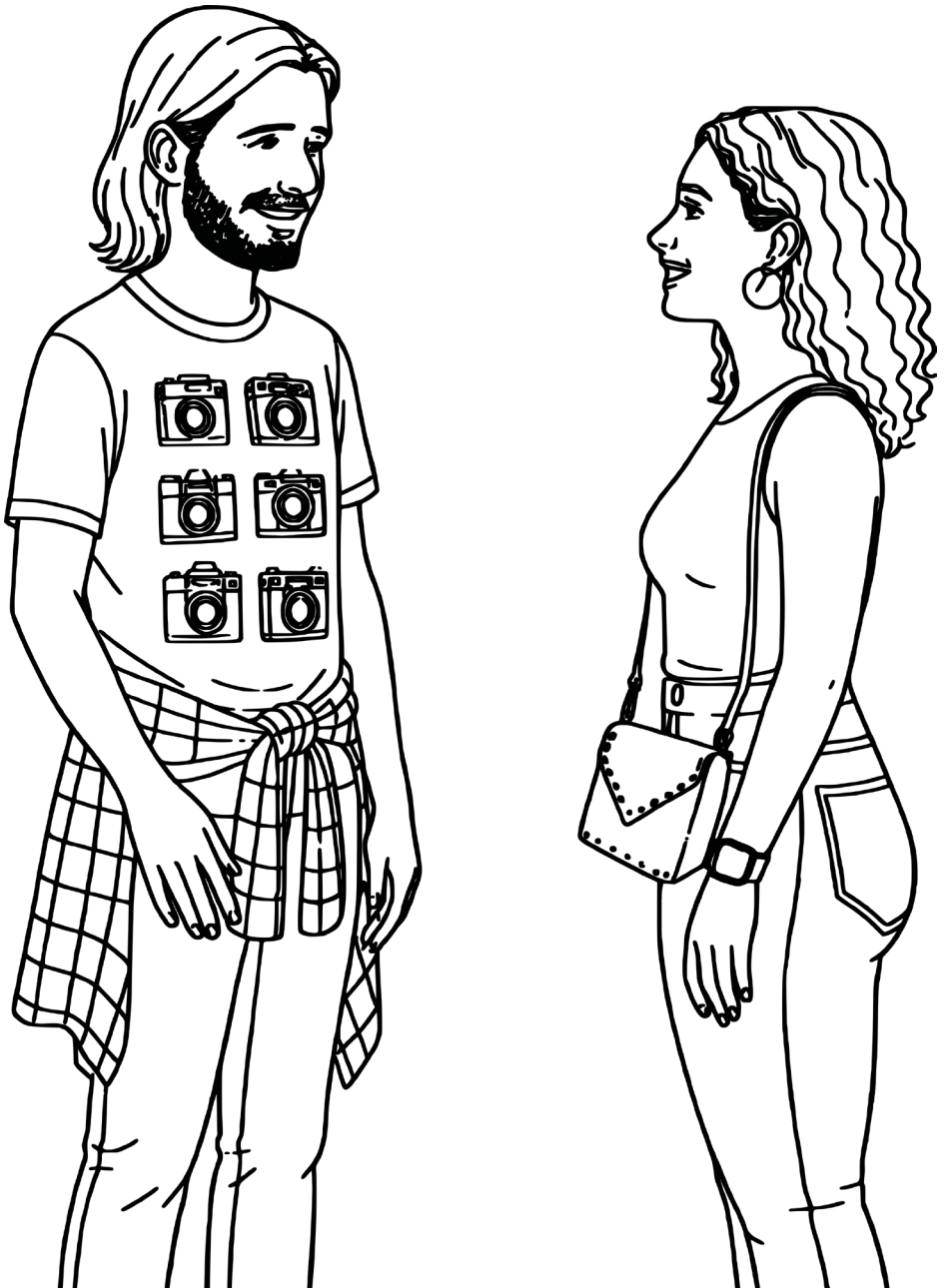
Ela olhou para mim e sorriu, balançando a cabeça negativamente. Colocou a mão direita sobre o meu ombro e me beijou, de um jeito afetuoso e quente ao mesmo tempo. Fechei os olhos e retribuí. Durou uns sete segundos... ou oito... ou nove ou dez... bem, eu não estava cronometrando.

Ela afastou a cabeça depois desse tempo e olhou nos meus olhos.

— Até mais, Alan — falou.

— Até mais, Luíza...

Ela entrou em casa e eu fui caminhando até o meu quarto, atrás da porta número 2 da pensão da Sra. Lourdes. Nada aconteceu no caminho até lá. As ruas pareciam alegres, as calçadas diziam coisas engraçadas, os postes estavam bêbados e as pessoas eram todas inofensivas.



Às vezes é preciso fazer as coisas de um jeito diferente do usual, quando queremos resultados melhores. E foi o que eu fiz no dia seguinte: decidi ir até a empresa de telefonia pela manhã.

Acordei às 9h, tomei um café forte e fui até a parada. Eu nem lembrava mais como era o lado de fora de casa durante a manhã. O ônibus chegou logo em seguida e eu fui até o último assento à esquerda.

Desci no centro, próximo à empresa, e fui caminhando até lá. Era um dia bastante ensolarado e quente, com um céu completamente azul.

Entrei e fui em direção à atendente ruiva com o piercing no lábio inferior. Parecia surpresa em me ver ali naquele horário. Expliquei a situação mais uma vez e ela olhou para os fundos do estabelecimento, onde uma mulher estava de pé, conversando com um funcionário.

— Aquela é a gerente — falou a recepcionista ruiva, apontando para a mulher nos fundos da loja —, você pode falar com ela, se quiser.

— Vou fazer isso. Obrigado.

Não havia movimento algum por ali naquele horário. Talvez por isso foi tão fácil falar com a gerente dessa vez.

Caminhei até ela e me apresentei. Ela me convidou para entrar em uma sala ao lado dali e eu a segui. Era loira, alta e parecia ter uns 40 anos.

Sentamos frente a frente e eu olhei para aquele rosto coberto de maquiagem. Comecei a apresentar a Cardoso Seguros e seus serviços, mas nada do que eu dizia parecia impressioná-la. Mantinha sempre uma expressão de soberba e deboche. É claro, aquele estabelecimento era uma filial de uma grande empresa nacional. Por que assinariam com uma empresa local desconhecida? A essa altura eu sabia que seria uma longa conversa.

Segui à risca minha lista de estratégias de venda, com os elogios, o diálogo amigável, a empatia, a passivo-agressividade... mas aquela era uma mulher difícil de ser convencida.

Fiquei lá quase uma hora. Contei toda a história de fundação e sobrevivência da Cardoso Seguros. Falei sobre todos os seus funcionários, seus clientes e seu grande chefe, o respeitável e admirável Sr. Luís Cardoso. Tudo que podia ser contado e algumas coisas que existiam apenas na minha imaginação. Acredite ou não, eu consegui.

Deu certo. Saí de lá com o contrato assinado. Vendi os serviços da Cardoso Seguros para a filial de uma grande empresa nacional de telefonia. Mal podia acreditar.

Voltei para casa e fui preparar o almoço. Nem lembro ao certo o que eu cozinhei, mas foi algo bom, algo saboroso. Algo que me deixou feliz e satisfeito.

Terminei de comer e sentei em frente à escrivaninha. Notei que eu ainda estava com a mesma roupa com a qual tinha saído. Mas estava tudo bem, era bom usar tênis e calça jeans em casa de vez em quando. E eu estava trabalhando, afinal. Escrevendo meu primeiro grande ROMANCE.

Adicionei alguns parágrafos ao livro, além de corrigir alguns erros de ortografia e digitação em páginas anteriores. Fiz isso até às 18h, sem nem ver o tempo passar. Eu estava no meio de uma frase quando ouvi uma batida na porta. Olhei para o relógio e levantei para abrir. Achei aquilo estranho. A Sra. Lourdes não costumava aparecer tão tarde.

Abri a porta e levantei as sobrancelhas.

— Luíza? — falei.

— Então você realmente mora aqui? — respondeu ela, sorrindo e olhando em volta.

— Bem, sim... mas... como você sabe disso?

— Você preencheu o endereço quando se cadastrou para o cartão de crédito, não lembra?

— Ah, sim.. mas... isso não é... antiético ou algo do tipo?

— Você ligou para o meu número para falar sobre coisas além do cartão de crédito... acho que agora estamos quites...

— É... acho que sim, então... você quer entrar?

— Prefiro que você saia.

— E para onde iríamos?

— Sei lá. Decidimos no caminho.

— Tudo bem.

Peguei a chave e saí. Passamos pela porta principal e caminhamos lentamente pela calçada.

— Como você chegou até a minha porta? — perguntei.

— A porta da frente estava aberta.

— É o que eu esperava... ela está quase sempre aberta...

— E como você está, Alan? Como foi o seu dia?

— Estou bem... e hoje foi um dia produtivo de trabalho... eu acabei nem falando sobre a minha profissão ontem, não é?

— Verdade. Acho que você não é do tipo que se abre facilmente...

— É... mas não foi de propósito, nesse caso... eu sou vendedor na Cardoso Seguros. Vou atrás de estabelecimentos na cidade que precisam de seguros contra incêndio e os convenço a contratar nossos serviços.

— Não conhecia essa empresa. Trabalham só com seguros contra incêndio?

— Bem, na maior parte sim... mas alguns pacotes cobrem outros acidentes também...

— Ei, olha ali — falou ela, apontando para um trailer de cachorro-quente que estacionava todas as noites a umas duas quadras da minha casa.

— É um lugar bem conhecido aqui no bairro. Mas eu nunca experimentei.

— Então vamos descobrir se é bom mesmo... podemos levar para comer na sua casa...

— Tudo bem, pode ser...

Pedimos um para cada e voltamos caminhando até a porta número 2 da pensão da Sra. Lourdes. Peguei a chave, abri a fechadura e entramos. Luíza sentou sobre a minha cama e eu fui até a cozinha. Trouxe um prato para ela e outro para mim. Sentei em frente à escrivaninha, tirei a embalagem do cachorro-quente e coloquei sobre o prato. Antes de experimentar, olhei para Luíza.

— Hmmm... isso é bom, bom, bom... — falou ela, ao dar a primeira mordida.

Continuei olhando para ela, sentada na beirada da cama com o prato no colo. O cabelo em ondas até o ombro, os olhos castanhos, as sardas...

— Posso contar uma coisa? — perguntei.

— Claro.

— Eu sei o número do meu CPF de cabeça. E eu sempre estou com ele na carteira.

Luíza riu levemente e balançou a cabeça negativamente.

— Eu sei disso, Alan — respondeu. — As pessoas fazem tudo que podem para fugir de atendentes oferecendo cartão de crédito... não foi nada fora do comum... e já que estamos revelando segredos... eu nem precisava abordar você naquele dia. Já havia passado o meu horário e a minha cota estava completa. Mas eu... simplesmente quis...

Concordei com a cabeça e ri. Voltei a olhar para Luíza, que comia sorridentemente. Levantei e fui até a cozinha. Abri a geladeira e peguei uma garrafa de plástico que estava escondida na parte de baixo. Era um vinho tinto suave que custava 12 reais. Levei até a escrivaninha, juntamente com dois copos.

— Esse é um bom vinho - disse Luíza, ao ver a garrafa.

— É sim...

— Vai ser uma combinação estranha essa... vinho e cachorro-quente...

— Uma ótima combinação...

— Com certeza...

Enchi os dois copos e ambos tomamos um gole. Era um bom vinho. Muito, muito bom. Tão bom quanto aquela noite estava sendo.

Duas semanas passaram e eu estava na praça de alimentação da rodoviária de Santa Maria. Comprei um sanduíche e uma garrafa de água mineral e sentei em uma das mesas. Olhei para o ticket que estava na minha mão: ônibus comum para São Vicente do Sul.

Era quarta-feira, e a empresa que eu precisava visitar naquela semana era um pequeno mercadinho que ficava no centro. Liguei para lá na terça e descobri que o gerente estava em São Vicente. Então, decidi segui-lo.

Terminei de comer e fui até o ônibus, que já estava quase saindo. Eram umas 13h30. Entrei e procurei um lugar próximo ao fundo, ao lado da janela. Encontrei e encostei a cabeça ali, antes mesmo de o ônibus dar a partida.

Aquelas duas semanas haviam sido tranquilas. Estava chegando na parte final do meu primeiro grande ROMANCE. Não cheguei a escrever com tanta frequência nesses dias, mas quando tive tempo, saíram algumas páginas decentes.

Na Cardoso Seguros, as coisas também seguiram dentro da normalidade. Na segunda-feira da semana anterior, fui até lá para saber qual empresa eu precisava visitar. Era uma sorveteria que ficava a algumas quadras dali. Peguei os documentos, saí pela porta e caminhei naquela direção. Entrei, me apresentei, convenci o gerente a contratar um plano, peguei a assinatura, voltei até a Cardoso, coloquei o contrato sobre o balcão e fui para casa. Confesso que foi um pouco arrogante da minha parte. Mas que se dane. Às vezes você merece se gabar por um trabalho bem feito.

Com Luíza, as coisas avançaram suave e naturalmente. Após aquela quarta-feira em que ela passou a noite comigo, repetimos a fórmula algumas outras vezes. Na sexta-feira seguinte, ela voltou e nós assistimos um filme de animação sobre robôs voadores. No domingo, fomos até o Santa Maria Shopping, no centro da cidade, caminhamos por algumas lojas e compramos sorvete. Na terça, ela saiu do trabalho e foi para a minha casa, trazendo um fardo de cerveja, que nós consumimos antes da meia-noite. Na quinta, esperei por ela na saída do supermercado e nós voltamos àquele bar próximo à rodoviária, onde conversamos por algumas horas. E no domingo, na segunda e na terça ela simplesmente foi para a minha casa depois das 18h e nós conversamos, rimos, bebemos, comemos e todo o resto. E nos dias em que não nos encontramos, passamos diversas horas conversando por mensagem.

O ônibus partiu e o vidro da janela começou a vibrar e bater contra a minha cabeça. Mas o impacto não era tão grande e eu continuei ali.

A viagem não era longa e depois de uma hora e meia já estávamos na metade do trajeto. Senti minha bexiga encher, mas não fui ao banheiro. Eu tinha problemas para conseguir ir quando havia pessoas em volta.

Alguns minutos depois, o ônibus dobrou à direita, seguindo em direção à rodoviária de um outro pequeno município da região. Como não era um ônibus direto, ele passava por outras cidades. Ficou parado por lá uns 10 minutos e voltou para a estrada.

Minha necessidade de ir ao banheiro aumentou. Pensei em aguentar até chegar na rodoviária, mas isso parecia impossível. Mas com todas aquelas pessoas por perto...

Decidi levantar e entrar no banheiro do ônibus. Era minúsculo e abafado. Fiquei lá de pé por alguns instantes, mas nada saía. A vontade estava lá, mas alguma coisa impedia. Todas aquelas pessoas, a estrada, a vibração do ônibus... alguma coisa.

Desisti após alguns minutos e voltei para o meu assento. Lá estava eu, um homem derrotado, com a bexiga cheia e sem conseguir ir ao banheiro por pura fobia social... se não fosse o maior escritor em atividade no país, seria um completo fracassado.

Aguentei firme por pouco mais de uma hora. Minha bexiga estava quase explodindo quando fui em busca do banheiro na rodoviária de São Vicente. Encontrei uma porta que dizia “Sanitário Masculino” e entrei.

Era um lugar verdadeiramente nojento, com o piso molhado e um cheiro de esgoto. Entrei em uma das cabines e finalmente consegui esvaziar a bexiga, já que não havia ninguém por perto. Fiquei segurando a porta, que era de madeira e não tinha como trancar.

Terminei e fui até a pia, para lavar as mãos. Um homem de cabelos brancos e barriga saliente passou por mim e entrou em uma das cabines, enquanto eu ia embora dali.

Saí pela porta traseira da rodoviária e caminhei em direção a um pequeno mercadinho, que ficava a algumas quadras dali, onde havia marcado de me encontrar com o gerente às 16h. Eram 16h25.

Cheguei lá, me apresentei para uma das funcionárias e fui levado até a sala do gerente. Era um homem alto, pálido e loiro, que me recebeu com um aperto de mão e alguns elogios.

Logo que sentei frente a frente com ele, eu já sabia que o negócio estava feito. Não havia muito que eu precisasse fazer. Mas ele simplesmente tinha muito a dizer. Falou sobre suas empresas, sua família e suas finanças por quase uma hora. Encontrei uma brecha no discurso e consegui que ele assinasse o contrato. Ouvi mais 10 minutos de papo furado e avisei que precisava ir embora.

Cumprimentei o gerente com um aperto de mão e caminhei de volta para a rodoviária. Cheguei lá por volta das 17h30.

Comprei uma passagem de volta para Santa Maria, fui ao banheiro e fiquei esperando sentado em um banco de madeira que havia por ali.

O ônibus sairia às 18h20. Fiquei olhando em volta, esperando o tempo passar. Comprei um pacote de bolachas em um pequeno barzinho que havia ali e sentei de volta no banco de madeira.

Por volta das 18h, comecei a ouvir barulho de chuva. Olhei para fora e vi aqueles pingos caindo, um atrás do outro. Uma chuva fria e pesada. Alguns minutos depois, meu celular tocou.

— Olá, Luiza... — atendi.

— Olá... você já chegou em casa?

— Não, ainda estou na rodoviária daqui. O ônibus só sai às 18h20.

— Ah... que droga... você quer que eu espere por você na rodoviária?

— A viagem daqui até aí dura umas duas horas. É um longo tempo. Se você não quiser ficar esperando, não precisa.

— Não tem problema, eu espero por lá.

— Você tem certeza?

— Sim, sim... estou saindo do trabalho agora e já chego lá.

— Tudo bem... escuta, Luíza, está chovendo por aí?

— Ah, sim... está sim... uma chuva bem forte. Você levou um guarda-chuva?

— Não... você sabe que eu só carrego comigo coisas que cabem no meu bolso...

— Aham... tudo bem, eu tenho um que é bem grande. Vou levar comigo até a rodoviária. Espero você por aqui.

Desliguei e fiquei esperando mais um tempo, com a chuva caindo forte, sem dar uma pausa sequer. O ônibus chegou por volta das 18h30 e eu embarquei. O sol já havia ido embora e a noite era escura e impiedosa.

Fiquei olhando a estrada pela janela, sem conseguir enxergar muita coisa. Logo no início do trajeto, as luzes internas do ônibus foram desligadas, e assim continuaram até o final da viagem. Tentei encostar a cabeça e fechar os olhos algumas vezes, mas não cheguei nem perto de conseguir dormir ali.

As luzes foram religadas por volta das 20h30, quando o ônibus já estava estacionando na rodoviária de Santa Maria. Fui correndo da porta do ônibus até a entrada da rodoviária, tentando me esquivar da chuva que ainda caía pesadamente. Luíza estava bem próxima dali e me cumprimentou com um abraço e um beijo.

— Como foi a viagem? — perguntou ela.

— Longa, mas tranquila.

— E você conseguiu vender o seguro para o cara do mercadinho?

— É claro que sim...

— Continua sendo o maior vendedor de seguros dessa cidade, não é?

— Agora não só dessa cidade...

— Ah, é verdade...

Fomos até a saída do outro lado da rodoviária e Luíza abriu seu guarda-chuva preto antes de chegarmos na calçada.

— O que achou? — disse ela.

— Meu Deus, cabem umas cinco pessoas embaixo desse negócio...

E então caminhamos pela chuva até a minha casa, sob o gigantesco guarda-chuva de Luíza.

Esperei por Luíza perto do BIG, no dia seguinte, e nós embarcamos em um ônibus em direção à UFSM, onde iríamos nos encontrar com alguns amigos dela. Eram umas 18h15.

— Tem a Ana — disse ela, sentada ao meu lado no ônibus —, a Taísa e o André. São ex-colegas do ensino médio.

— Entendi.

— Ah, eu estava com tanta saudade deles... não nos víamos há tanto tempo...

Chegamos uns 20 minutos depois e descemos do ônibus. Era um dia quente e o sol já estava se pondo. Fomos até o bosque da Universidade, onde estavam Ana, Taísa e André. Luíza cumprimentou a todos com um abraço e eu fiz o mesmo. Caminhamos um pouco e sentamos em círculo.

Ana era ruiva, tinha cabelo crespo, diversas tatuagens e piercing no nariz. Taísa tinha um cabelo escuro longo, liso e com franja. Usava camisa quadriculada e jeans azul. Já André tinha um cabelo castanho e levemente encaracolado, que estava amarrado em um coque. Tinha também uma volumosa barba que era da mesma cor.

Luíza sentou ao meu lado esquerdo. À minha direita no círculo, estavam Taísa, André e Ana, respectivamente.

— E aí, Luíza — falou Ana —, como estão indo as coisas?

— Estão indo bem... desde que eu saí da faculdade de Psicologia, melhor ainda...

— Aquilo devia ser um inferno...

— Nem tanto, mas realmente não é para mim.

— Mas você vai tentar entrar em outro curso?

— Biologia... fiz o vestibular ano passado...

Não mantive a atenção na conversa e olhei discretamente para Taísa. Ela pegou um pequeno pedaço de seda, despejou uma porção de folhas trituradas, ajeitou cuidadosamente e começou a enrolar metodicamente. Enrolou, enrolou, enrolou e depois fechou

as pontas. Pegou um isqueiro na bolsa, acendeu e tragou. Soltou a fumaça pela boca e passou para André.

— Ao menos ainda temos alguma coisa para nos fazer relaxar — disse Taísa.

— Do jeito que as coisas estão, vou precisar de bem mais que um — respondeu André, depois de tragar e passar para Ana.

Ana tragou e passou para Luíza. Ela fez o mesmo e estendeu a mão para mim.

— Não, não... — falei —, obrigado...

— Passa adiante, então — respondeu Luíza.

Peguei e entreguei à Taísa.

— Tem tanta coisa errada, sabe? — disse André. — Tanta gente com o único objetivo de dificultar a sua vida... se não é um professor mal-humorado, é o seu chefe ou a sua família... ou você vai ler as notícias e lembra do quão cretino o PRESIDENTE é...

— Se mais gente soubesse aproveitar uma onda como essa... — respondeu Taísa, soltando a fumaça pela boca.

— Especialmente o presidente! - falou Luíza.

— Dá para imaginar o presidente dando uma tragada? - disse Ana.

— Será que ele ficaria mais relaxado e esperto ou mais lento e ainda mais burro? — questionou André.

— Mais burro, com certeza. — respondeu Luíza.

E a conversa continuou assim por mais algum tempo. Era difícil de entender a maior parte do que eles diziam. A fumaça daquele pedaço de seda tinha cheiro de merda de cavalo. E eles continuaram sugando aquela fumaça, um de cada vez, na ordem do círculo.

Por sorte, nenhum deles percebeu que eu não havia dito quase nada durante todo o tempo em que estive ali. Por volta das 20h30, decidimos ir embora e Luíza se despediu de cada um com um abraço e eu fiz o mesmo. Fui com ela até a parada e logo embarcamos.

— Foi uma conversa bem agradável, você não achou? — perguntou Luíza, sentada ao meu lado no ônibus, mais uma vez.

— Foi bem interessante...

— Acho que eles gostaram de você.

— Espero que sim...

— Ah, eu estou tão... tranquila nesse momento...

— É...

— E faminta.

— Podemos preparar alguma coisa em casa.

— Com a fome que eu estou, você vai ter prejuízo...

— Não tem problema.

— Você nunca experimentou ficar assim, como eu estou agora?

— Não...

— Você deveria, algum dia. É tão bom... desestressar e relaxar... eu estou tão, tão relaxada...

— Eu estou vendo...

Ela riu. Mais do que o necessário. Mas tinha uma risada agradável, ao menos. Deitou a cabeça no meu ombro e permaneceu assim até o final da viagem.

Descemos em frente à pensão da Sra. Lourdes, atravessamos a rua e entramos na porta número 2.

Luíza sentou na beirada da minha cama e eu fui até o banheiro. Voltei e caminhei até a sala.

— O que você vai querer comer? — perguntei.

Luíza estava deitada sobre a cama, com os pés para fora, dormindo. Fui até a cozinha, tirei uma cerveja da geladeira, coloquei sobre a escrivaninha, ajeitei Luíza na cama e sentei em frente à tela e o teclado.

Escrevi alguns dos melhores parágrafos do livro naquela noite. Meu primeiro grande ROMANCE.

Cedo da manhã, no dia seguinte, Luíza saiu para o trabalho e avisou que viajaria com a família durante o fim de semana. Só voltaria na segunda-feira. Fui com ela até a porta, nos despedimos com um beijo e um abraço e eu voltei a dormir.

Acordei às 11h42. O que alguém poderia fazer em uma cidade como essa, em um horário desses, em plena sexta-feira? O que eu, Alan Valencci, poderia fazer? O grande escritor santa-mariense... exímio criador de ficção e poesia... a poucas páginas de ser reconhecido como maior romancista do país no século XXI... o que eu poderia fazer? Levantei da cama e fui preparar o almoço, com arroz, batata, tomate, bife...

Coloquei o prato sobre a escrivaninha e comi sentado em frente à tela e o teclado. Ali estava meu primeiro grande ROMANCE, já quase finalizado. Tudo que eu precisava agora era de um final marcante. Algo que fizesse a leitura valer a pena, algo digno de um roteiro de comédia romântica americana. Algo digno de uma produção de Hollywood. Algo que fizesse os críticos literários aplaudirem de pé e os editores famosos baterem na minha porta. Ou... algo decente.

Terminei de comer, troquei de roupa e peguei um ônibus em direção à Cardoso Seguros lá pelas 14h. Era uma sexta-feira feia e triste. Nublada, úmida e quente. Desci perto da empresa, entrei pela porta e fui em direção ao balcão, olhando para João enquanto caminhava.

— Às vezes eu penso sobre o que seria dessa companhia sem mim... — falei, colocando os documentos em frente a João.

— E aí, Alan? — respondeu ele. — Mais um contrato assinado?

— É claro...

— Sempre eficiente.

— Tive que seguir o gerente do estabelecimento até São Vicente...

— Ah é?

— Sim, pelo jeito ele é dono de empresas por lá também. Mas, de qualquer forma, é mais um cliente para nós.

— É isso aí...

— Bem, então... até segunda, João...

— Espera aí, apressadinho... — disse Luciano, saindo do banheiro e caminhando até onde estava João.

— Luciano... o que é dessa vez?

— Hoje é sexta-feira, Alan... você não está pensando em aproveitar essa noite de um jeito digno?

— Ah, estou sim...

— Eu sei como você gosta de passar as suas noites e não é disso que estou falando. Você vai sair com seus dois amigos e colegas de trabalho esta noite...

— Vou?

— Vai sim. Há várias semanas estamos poupando você de sair com a gente...

— E que semanas maravilhosas foram essas...

— Deixa disso, Alan... Olha só...o João e eu vamos a uma boate hoje e...

— Ei, ei, ei... espera aí... vocês vão me convidar para ir a uma BOATE? Por favor...

— É na Boate Central, Alan... — falou João —, você sabe, é um lugar legal, as músicas são boas...

— Cada um tem seu conceito de músicas "boas"...

— E além disso, as bebidas são grátis... só a entrada que custa 10 reais...

— Se a entrada fosse grátis e as bebidas pagas, eu gastaria menos que isso...

— E, Alan, veja só: o Luciano está tomando alguns remédios e não vai poder beber... o que significa que ele pode dirigir...

— É mesmo, Luciano?

— Infelizmente, é... — respondeu ele.

— Nós podemos passar na sua casa na ida e depois levar você de volta - disse João.

— Vida fácil para você, Alan... — complementou Luciano.

— Tem certeza que você não vai beber MESMO, Luciano?

— Absoluta...

— Que coragem a sua, de enfrentar uma boate daquelas sóbrio...

— É... mas não tem outro jeito...

— E então, Alan? — questionou João. — Tudo certo? Passamos na sua casa lá pelas 23h30... Pode ser?

— Bem... tudo bem, que seja...

— Ótimo... então a gente se vê mais tarde...

— Sim, sim... até...

Saí pela porta e caminhei em direção à parada de ônibus. O clima continuava melancólico... nublado, úmido, abafado...

Embarquei no ônibus, desci na frente de casa, entrei, sentei na beirada da cama e fiquei esperando o tempo passar.

15

Enquanto esperava, decidi tomar um banho e colocar umas roupas decentes. Já que eu ia sair em público, queria ao menos estar minimamente apresentável.

Ouvi a buzina do carro de Luciano em frente à pensão por volta das 23h35 e fui caminhando até lá.

— Ei, Alan... — disse Luciano, logo após eu entrar e fechar a porta —, caprichou no visual, hein? Não vejo você assim há tempos.

— É... — respondi —, vez ou outra é bom colocar umas roupas bonitas.

Ele manobrou o carro e acelerou pelas ruas do bairro. Fiquei observando o tráfego pela janela do banco de trás, onde eu estava sentado.

— E então... — falei alguns minutos depois —, estão indo encontrar alguém específico na boate hoje à noite?

— Eu não — respondeu João, sentado no banco de passageiro.

— Eu também não — complementou Luciano.

— Quer dizer que as coisas não estão dando certo com aquela pessoa especial? — perguntei.

— Alan... — disse João —, você não costuma ir muito a esse tipo de festa, então você talvez não esteja acostumado com isso, mas... em geral, quando as pessoas saem à noite, é porque as coisas não estão dando certo com "aquela" pessoa especial...

— É mesmo? Pensei que fosse exatamente o contrário... quero dizer, muitas vezes as pessoas vão especificamente porque certo alguém também vai.

— É, sim... isso acontece às vezes também, mas... bem, isso não é uma regra 100% exata...

— Sempre há exceções...

— Exatamente.

— Entendi...

Luciano estacionou o carro a algumas quadras da boate e nós caminhamos até lá. Era uma noite estrelada e abafada, uma típica noite de verão nessa cidade. A testa de todo mundo já suava antes mesmo de entrar.

Esperamos por algum tempo na fila e entramos. O lugar tinha uma luz azul predominante e nada muito fora do normal: música ruim e alta nas caixas de som, bebidas baratas e quentes sendo vendidas por preços exorbitantes e uma aglomeração de pessoas dançando, conversando, se beijando e conversando.

João e eu pegamos um copo de cerveja para cada e Luciano comprou uma garrafa de água mineral. Fiquei olhando para ele, enquanto tomava os primeiros goles. Que coragem tinha o rapaz... que coragem...

Luciano e eu ficamos encostados na parede em um canto da boate e João foi direto para o centro da pista. Tentamos conversar por algum tempo, mas era impossível ouvir o que o outro dizia. Ele passou um tempo falando sobre coisas que eu não consegui escutar o que eram. Apenas fingi estar prestando atenção. Mas, de certo modo, eu tinha a impressão de que ele também estava só fingindo dizer alguma coisa.

João voltou uma meia hora depois com sua camisa social toda torta e com alguns botões abertos. Já completamente bêbado. Ficou ao meu lado, encostado na parede, e Luciano foi para o centro da pista.

Era mais fácil de ouvir o que João dizia. Porque ele gritava em direção à minha orelha. Mas ainda assim, eu não entendi uma só palavra do que ele falou. Porque ele não estava pronunciando palavras que existiam.

Mais uma meia hora desse jeito e Luciano retornou. Do mesmo jeito que estava antes, apenas um pouco mais sorridente. Um homem sóbrio no meio de uma boate noturna... que coragem...

Ambos olharam para mim, insinuando que era a minha vez de ir até o centro da pista. Balancei a cabeça negativamente e gargalhei de leve. João olhou para mim raivosamente e foi até lá, caminhando cuidadosamente para não cair.

Luciano continuou fingindo falar e eu continuei fingindo entender. Até que consegui captar algo que ele disse:

— Vou até o banheiro! — gritou no meu ouvido.

Estávamos próximos dali e eu fiquei no mesmo lugar. Alguns minutos se passaram e eu decidi pegar outra cerveja. Larguei o copo que estava na minha mão em uma lixeira e fui caminhando, desviando da multidão. Já no meio do trajeto, avistei aqueles olhos castanhos me encarando e vindo na minha direção.

Era Letícia. Lá estava o longo cabelo castanho, que refletia o azul forte da iluminação interna. Lá estavam as bochechas preenchidas, lá estavam os dentes brancos e alinhados, formando aquele sorriso que irradiava no escuro da boate. Ela me abraçou e lá estava aquela fragrância.

— Olá, Alan! — disse ela. — Que surpresa você estar aqui...

— Digo o mesmo...

— Mas eu estou quase sempre aqui...

— Sim, mas a surpresa é EU estar aqui.

— Ah, sim... mas com quem você está?

— Dois colegas de trabalho. E você?

— Estou com uma amiga, mas estamos perdidas uma da outra no momento.

— Acontece...

— Alan, você lembra daquele rapaz que eu falei sobre? O Ruan? Saímos mais algumas vezes nas últimas semanas, as coisas parecem estar avançando um pouco... e eu acho que ele está aqui na boate hoje, então estou procurando por ele...

— Acho que você consegue...

— Ei, segura isso um pouco para mim? — ela colocou um colar na minha mão direita. — O fiozinho dele arrebentou, e eu não tenho bolso…

— Tudo bem...

Olhei para o colar na minha mão. Era uma espécie de frasco bem pequeno, com umas pedrinhas brancas dentro. Eu lembrava daquele colar. Letícia usava quase sempre há bastante tempo. Ela costumava ficar mexendo nele sempre que estava nervosa. Lembrei daquela tarde, pouco mais de seis meses antes. Sentados frente a frente, sendo honestos um com o outro, enfim. Decidimos que o relacionamento não estava funcionando mais para nenhum dos dois. Falei para ela, olhando em seus olhos castanhos, que eu já não sentia mais nada por ela. Eu lembro daquele olhar... eu lembro daquele colar... ela ficou mexendo naquele pequeno frasco na maior parte da conversa.

— Eu vou circular mais um pouco — disse ela —, tenta me encontrar mais perto do final da festa para me devolver o colar, pode ser?

— Tudo bem... mas... encontro você ONDE?

COLLEGE

Ela já havia saído de perto e não escutou a minha pergunta. Decidi voltar para onde estava e fiquei esperando por Luciano. Passaram uns 15 minutos e ele não voltou. Decidi entrar no banheiro e não o encontrei por lá. Saí e comecei a circular pela boate.

Procurei por uns 20 minutos sem obter sucesso algum. Era uma boate pequena, não podia ser tão difícil encontrar alguém lá dentro. Olhei para o colar, que ainda estava na minha mão. Comecei a procurar por Letícia.

Mais 20 minutos desviando de pessoas dançando, se beijando e vomitando. Vasculhei cada canto daquele lugar e não encontrei nem Letícia nem Luciano.

Quando já era mais de duas da manhã, lembrei de algo que João, Luciano e eu costumávamos fazer quando nos perdíamos em um lugar como esse. Ficávamos perto da saída quando a festa estava por acabar. Caminhei até lá e, de fato, encontrei Luciano.

— Ei, onde você esteve todo esse tempo? — perguntou ele.

— Procurando você!

— Você não estava mais lá fora quando eu saí do banheiro e eu achei que você estivesse na pista. Aí fui circular um pouco.

— Tudo bem, pelo menos encontrei você agora.

— O que é isso aí na sua mão?

Olhei para o colar.

— Longa história... — respondi.

— Aham... sei... veja só, até você, Alan... até você conseguiu um pouco de ação hoje...

— Ah... é... foi isso mesmo que aconteceu...

— Você sabe onde está o João?

— Não...

— Ele deve estar podre de bêbado agora... a gente tem que encontrar ele...

Circulamos pela boate e logo encontramos João sentado no chão, em uma parte afastada da boate, meio acordado, meio inconsciente. Luciano e eu o levantamos e levamos até a saída.

Deitamos João sobre o banco traseiro do carro e entramos. Apertei o cinto no banco do passageiro e Luciano acelerou.

Foi uma viagem tranquila pela noite, com Luciano sóbrio, eu meio bêbado e João desacordado.

— Aqui estamos — falou Luciano, ao estacionar o carro em frente à pensão da Sra. Lourdes.

— Obrigado, Luciano — respondi. — E boa sorte com ele - apontei para João.

— Tudo bem, eu já fiz isso antes... apesar que, nas outras vezes, eu também estava um pouco bêbado... mas eu estou acostumado...

Entrei no quarto número 2 e fui ao banheiro. Saí, coloquei o colar de Letícia sobre a escrivaninha, sentei na beirada da cama e fiquei ali por um tempo.

As paredes giravam levemente e eu observava. Era um entretenimento digno, afinal.

Era segunda-feira de novo. Você sabe como esses dias são. Será que alguém gosta de segunda-feira? Você gosta? Provavelmente não... pois é, não somos tão diferentes assim...

Levantei da cama às 11h40 para preparar o almoço. Eu precisava animar aquele dia, então o cardápio foi macarrão, em vez do tradicional arroz. Isso ajudou, mas não muito.

Terminei de comer e sentei em frente à escrivaninha. Eu já não escrevia há vários dias. Mas sabia que não podia me preocupar excessivamente. Precisava ser paciente. Eventualmente, as páginas que faltavam iriam sair. As últimas linhas do meu primeiro grande ROMANCE.

Fiquei ali por um tempo, lendo algumas partes já escritas do livro. Havia algo ali. Algo que faltava nas bibliotecas que eu visitava e nos autores que eu tinha lido. A cidade que eu conhecia tão bem, as ruas, as calçadas, os estabelecimentos... estava tudo ali.

Troquei de roupa lá pelas 16h fui até a parada do outro lado da rua. Embarquei uns 10 minutos depois e fiquei com a cabeça encostada no vidro do último assento à direita, onde eu estava. Entrei pela porta da frente da Cardoso Seguros e caminhei até João.

— E aí, João... — falei —, como está?

— Bem... melhor que sexta, eu suponho... não que eu me lembre de alguma coisa que aconteceu naquele dia...

— É... você apagou completamente no final... mas, pensando bem, tem noites que é melhor a gente apagar da memória mesmo...

— Verdade...

— E o Luciano, onde está?

— Saiu, foi comprar algumas coisas para o escritório.

— Ele sobreviveu àquela boate na sexta completamente SÓBRIO... dá para imaginar a coragem desse rapaz?

— Ele sóbrio e eu desacordado... cada um aproveita a noite do jeito que pode...

João me entregou os documentos da semana, eu me despedi dele e saí pela porta. Embarquei no ônibus de volta uns 15 minutos depois e desci em frente à pensão da Sra. Lourdes. Entrei e fiquei sentado na beirada da cama por alguns instantes. Ouvi uma batida na porta e levantei para abrir. Eram umas 18h15.

— Ei, Alan... — disse Luíza, entrando pela porta —, está tudo bem? Você não ligou o dia inteiro...

— Ah... é que... eu não sabia que horas você ia voltar da viagem...

— Voltei cedo da manhã... — falou ela, sentando na beirada da cama —, mas fui direto para o trabalho.

— Achei que talvez você viesse mais tarde, por isso não liguei... mas, enfim... você quer uma cerveja?

— Quero sim.

Fui até a cozinha e peguei duas garrafas. Quando voltei, Luíza estava com o colar de Letícia na mão. Aquele com o pequeno frasco e o cordão arrebentado.

— O que é isso? — perguntou ela.

— É... um colar... — respondi, colocando as duas garrafas de cerveja sobre a escrivaninha.

— Isso eu sei, mas... obviamente não é seu... e está arrebentado...

— É uma longa história...

— Eu gosto de histórias...

— Mas é que...

— Deixa disso, Alan... Por que você tem tanta dificuldade de falar sobre certas coisas?

— É uma situação complicada...

— Alan... não seja assim...

— Tudo bem... esse colar... ele é... da Letícia.

— Letícia?

— Ela é minha amiga.

— Viu só? Não tem nada de mais...

— Amiga e... ex-namorada...

— Ex-namorada?

— É...

— E como o colar arrebentado da sua ex-namorada veio parar na sua escrivaninha?

— Foi na sexta... eu... fui na Boate Central com o Luciano e o João, dois colegas de trabalho... aí eu encontrei a Letícia por lá e... ela falou que o colar tinha arrebentado e pediu que eu o segurasse porque ela não tinha bolso... só que eu não encontrei mais ela depois, para devolver...

— Alan, por que você tem que ser assim? Eu nem sabia que você tinha saído na sexta... por que você é tão fechado?

— Eu não consigo fazer de outra forma...

— E isso, especificamente, você deveria ter contado bem antes.

— Aconteceu há dois dias e você acabou de voltar de viagem...

— Não estou falando sobre a boate, Alan... estou falando sobre essa sua amizade... o conceito de ter um bom relacionamento com a sua ex-namorada é legal e tudo mais... mas isso é perigoso...

— Não aconteceu nada, Luíza... e ela é só uma amiga... de verdade...

— O que você sente por ela?

— Como assim?

— Você ainda sente algo a mais por ela?

— Por que você perguntaria isso?

— Eu confio em você, Alan… — disse ela, colocando o colar de volta na escrivaninha - mas eu preciso que você seja claro e sincero... preciso que você diga que não sente mais nada por ela e que nada vai acontecer... eu vou acreditar se você disser... então, responda a pergunta: o que você sente por ela?

— Eu... eu não... eu não sei o que eu sinto.

— Não, não... - falou Luíza, caminhando em direção à porta -, isso não vai funcionar.

— Onde você vai, Luiza?

— Eu aguentei e compreendi todo esse tempo você sendo fechado e não falando sobre quase nada da sua vida. Mas isso não dá. É perigoso demais. Você precisa se resolver sobre isso.

— Luíza...

— Eu preciso de um tempo para refletir... e eu sugiro que você faça o mesmo.

Ela saiu pela porta e eu fiquei observando sem ter muita reação. Olhei em volta e fui sentar na beirada da cama.

Fiquei ali por um tempo, encarando as paredes. Era assim que eu lidava com esse tipo de situação. Sentado na beirada da cama, encarando profundamente o nada.

Às vezes, tentar dormir já não é a melhor opção. Então, no dia seguinte, levantei perto das 9h, troquei de roupa e fui até o endereço que estava nos documentos da Cardoso Seguros.

Era uma concessionária de motos que ficava próxima ao centro. Cumprimentei um dos funcionários e me apresentei. Pedi para falar com o gerente e ele me direcionou até uma sala nos fundos do local.

Era um homem baixo e calvo, que usava camisa social e jeans. Desde o momento em que falei meu nome e onde trabalhava, eu já sabia que o negócio estava feito. Ele ficou animado com a ideia de ter um seguro contra incêndios e começou a falar sobre si mesmo e sua empresa por uns 55 minutos, como quase todos os chefes como ele costumavam fazer. Eu não me importei e fiquei ouvindo. Estava tudo bem, mas eu não estava prestando atenção. Minha mente estava em outro lugar.

Quando parou de falar, entreguei o contrato e ele assinou rapidamente. Estendi a mão para cumprimentá-lo ao sair e ele me deu um abraço. Retribuí e fui caminhando até a parada de ônibus.

Desci duas paradas antes de casa. O BIG não estava muito cheio. Caminhei próximo a todas as prateleiras que eu conhecia bem, onde ficava o arroz, as batatas, o tomate, a carne, os pães, as bebidas, os sabonetes... nenhum sinal. Nenhum maldito sinal de Luíza.

Era perto do meio-dia. Talvez as funcionárias tivessem um intervalo para o almoço. Foi o que pensei.

Voltei caminhando para casa e fiquei lá, sentado, assistindo às horas passarem. 17h, 18h, 19h... olhei para o celular e pensei em ligar. "Um tempo para refletir", ela disse... talvez fosse melhor não ligar...

Disquei os números e liguei. Tocou quatro, cinco, seis, sete vezes... e ninguém atendeu. Decidi não insistir.

Tentei de novo no dia seguinte, pela manhã. Mesmo resultado.

Fui até o BIG, caminhei pela prateleira onde ficavam os molhos e temperos, depois as bebidas, e a carne e os pães e a batata e o tomate... e ela não estava lá, mais uma vez.

Fiz a mesma coisa no dia seguinte e obtive o mesmo resultado.

Um tempo para refletir...

Na noite de quinta para sexta, consegui dormir. Pensei que talvez eu havia finalmente compreendido a situação. Essas coisas acontecem... as partes boas da vida duram pouco. E o que sobra é um corpo e uma mente que não sabem bem como seguir em frente. Mas era hora de aceitar a realidade.

Era sexta-feira, afinal. O que poderia dar errado em uma cidade como essa? Onde o sol brilha sem cerimônias, onde as ruas são vastas e autênticas, onde as pessoas são elegantes e educadas, onde há grama, terra, água, asfalto e cimento. Uma pequena flor-de-lis no centro do estado e nas entranhas do país. A MINHA cidade. Estrela do meu primeiro grande ROMANCE, que seria finalizado assim que eu conseguisse voltar a escrever alguma coisa.

Levantei da cama às 11h20 e preparei o almoço. Às vezes você não percebe o quão bom é o gosto de um prato quente de comida com arroz, bife, batata e tomate... e o quão bem você cozinha.

Terminei de comer e troquei de roupa. Peguei o contrato assinado e fui em direção à Cardoso Seguros. A empresa mais sólida, rentável e inovadora da cidade, que contava com o funcionário mais talentoso e produtivo da região. Alan! ALAN VALENCCI!

Entrei pela porta da frente e avistei João e Luciano, ambos de pé atrás do balcão.

— Ei, olha só... — falei —, o grande trio reunido novamente... estranho ver vocês dois sem eu estar bêbado... e sem o João estar desacordado...

— E aí, Alan... — disse João.

— E o homem mais corajoso da cidade? — perguntei. — Como vai o herói que sobreviveu a uma noite inteira na Boate Central completamente SÓBRIO?

— Bem e ainda sóbrio - respondeu Luciano. - E ainda vou precisar ficar assim por mais um tempo...

— Ah é?

— Pelo menos mais uma semana.

— E a gente vai encarar a Boate Central de novo hoje — falou João.

— É... — complementou Luciano —, e talvez seja divertido, se o fracote aqui não entrar em coma alcoólico...

— Prometo me comportar...

Meu celular tocou.

— Vou atender... — falei —, já volto.

Saí pela porta da frente e atendi o celular do lado de fora da empresa.

— Alô? — disse eu.

— Ei, Alan... — falou ela.

— Letícia? Olá...

— Como está?

— Eu... eu estou... bem... e você?

— Também estou bem... mas, escuta... você vai na Boate Central hoje à noite?

— Na Boate Central?

— É... eu encontrei você semana passada e fiquei surpresa... pensei que talvez você tivesse entrado para essa vida de festas noturnas...

— Bem, quem sabe eu tenha mesmo...

— Seria ótimo... é sempre bom ter alguém conhecido para encontrar nesses lugares...

— Aliás, eu tenho que devolver o seu colar...

— Colar?

— É... aquele com o frasco pequeno... que está arrebentado...

— Está com você? Eu pensei que tinha perdido...

— Está sim... você me pediu para segurá-lo na semana passada e nós acabamos não nos encontrando mais... você não se lembra?

— Não... quero dizer, eu lembro de falar com você, mas não lembro dessa parte...

— De toda forma, está comigo...

— Então você vai hoje? Para me devolver o colar...

— Acho que pode ser...

— Ótimo... vou tentar encontrar você por lá.

— Tudo bem. Até mais, então...

— Até.

Desliguei a chamada e fiquei encarando o celular por alguns instantes. Voltei para dentro e caminhei até perto do balcão.

— Então... - disse eu -, que horas vocês vão passar na minha casa hoje?

— O que? — falou João.

— Mesmo horário da semana passada? — perguntei.

— Alan... - respondeu Luciano —, você... está dizendo que... quer ir com a gente na boate hoje à noite?

— Estou sim... — falei.

— Duas semanas seguidas?

— É isso aí...

— Bem, nós estamos pensando em ir um pouco mais cedo... então... lá pelas 23h?

— Fechado.

— Alan Valencci... duas semanas seguidas na Boate Central...

— Pode acreditar.

Fui embora dali enquanto os dois me olhavam com sorrisos surpresos e orgulhosos. Cheguei em casa uns 20 minutos depois, tomei banho, troquei de roupa e fiquei esperando.

Luciano e João chegaram perto das 23h11 e eu entrei no carro.

— Ainda não acredito, Alan... — falou Luciano —, que você vai com a gente na Boate Central duas semanas seguidas...

— Mas é verdade, meu amigo... — respondi.

Luciano acelerou e nós ficamos em silêncio por um instante.

— Alan, que fim deu o Vinícius? — perguntou João. — Aquele seu amigo, que costumava sair com a gente de vez em quando... que também escrevia...

— Não vejo ele há tempos... — falei —, ele está namorando agora...

— Com quem?

— Eu nem lembro o nome dela.

— Mas como ela é?

— É baixa, tem cabelo crespo e rosto arredondado... sei lá... por que isso importa?

— Será que é por causa dela? Ele não sair mais...

— Não sei... tudo que eu posso dizer é que eu não o vejo desde que começou a namorar... e ele também não tem escrito nada ultimamente...

— Começar a namorar muda algumas pessoas...

— É... mas não sei se é o caso dele...

Chegamos uns 10 minutos depois e logo entramos. Ficamos parados no mesmo lugar da semana passada. João foi para o centro da pista e Luciano e eu ficamos conversando por uns 15 minutos.

Quando João voltou, pedi para que os dois esperassem ali e fui buscar uma cerveja. Peguei o copo, tomei um gole e coloquei a

mão no bolso. Ali estava ele, o colar arrebentado, com o pequeno frasco e as pedrinhas brancas... saí dali e fui circular pelo lugar.

Comecei a andar e vasculhar os cantos da boate. Era um lugar decente, afinal, mas naquela noite, naquela noite em específico, algo não estava certo. A música parecia mais alta, as pessoas pareciam mais descontroladas e espaçosas, o cheiro de vômito parecia estar mais forte, a luz azul parecia estar mais clara e irritava meus olhos. Bebi um gole de cerveja e senti uma tontura desproporcional. Fui andando pelo centro da pista e quase desmaiei por ali. Pressionei as mãos sobre os olhos, balancei a cabeça e me recompus. Fui caminhando até onde estavam Luciano e João.

— Não dá — disse eu, colocando meu copo de cerveja na mão de Luciano —, eu não consigo fazer isso.

Saí dali e caminhei apressadamente em direção à porta da boate. Cheguei na calçada e fui andando até a parada. Avistei o ônibus perto dali e corri para conseguir pegá-lo a tempo. Embarquei e desci na frente de casa.

Abri a porta, fui ao banheiro, saí e sentei na cama, com a cabeça baixa e as mãos sobre o rosto. Permaneci assim por alguns instantes e depois me deitei sobre as cobertas, onde fiquei encarando o teto. Perto de 1h15, ouvi uma batida na porta. Levantei para abrir.

— Alan... — disse ela.

— Letícia?

Ela passou por mim e se sentou na minha cama. Cheguei perto e sentei na cadeira da escrivaninha.

— O que aconteceu? - perguntei.

— O Ruan... O Ruan... você lembra?

— Lembro, lembro sim...

— Eu... procurei por ele na boate semana passada e não consegui achar... aí, nessa semana, decidi tentar de novo e dessa vez ele estava lá... beijando outra pessoa...

— Ah não...

— Por que? Por que fingir que estava interessado em mim? Por que desperdiçar tempo com isso? Era tão difícil avisar antes?

Ela abaixou a cabeça e cobriu o rosto, e eu sentei ao lado dela na cama e a abracei.

— Tudo bem, tudo bem... — falei —, vai ficar tudo bem.

Fiquei ali por um tempo, tentando consolá-la. Eu nunca sabia o que fazer nesse tipo de situação. Porque a pessoa está ali, chorando, e o que você pode fazer? O que você pode falar? Nada é suficiente para ajudar... o máximo que dá pra fazer é mostrar que você está presente e disposto a ajudar... e foi o que tentei fazer.

— Está tudo bem... — disse eu, passando a mão no cabelo de Letícia, próximo ao topo de sua cabeça.

— Eu estou me sentindo tão patética... fazendo tanto drama por algo tão pequeno...

— Não tem nenhum problema nisso...

— Mas é que... dói tanto...

— Eu sei, eu sei...

Ela pressionou a cabeça sobre o meu peito e eu continuei passando a mão em seu cabelo por mais alguns instantes.

— Sabe, Alan... - falou ela, afastando a cabeça e olhando para mim.

— O que?

— Eu sinto a sua falta... em vários momentos...

— É, Letícia... — suspirei profundamente e olhei para outro lado —, eu também...

Ela aproximou seu rosto de mim e olhou nos meus olhos. Colocou a mão no meu braço e me beijou brevemente. Eu não reagi e ela se afastou. Olhou para mim de novo e aproximou o rosto mais uma vez. A partir daí, não havia nada que eu pudesse fazer, além de retribuir o beijo.

Foi um beijo lento e suave. E por um instante, parecia que eu não estava beijando aquela Letícia de 2019. Não parecia que eu estava beijando minha ex-namorada, sete meses após o término. Não parecia que eu estava beijando aquela Letícia que eu avistara na boate ou na virada do ano. Não parecia a Letícia com quem eu namorei. Parecia aquela Letícia do último dia de aula no ensino médio, três anos antes. A Letícia por quem me apaixonei. A Letícia que tinha mechas rosa no cabelo e usava roupas pretas com estampas de bandas de rock.

Fomos amigos durante os três anos do ensino médio, e ficamos ainda mais próximos durante o terceiro. Mas ela tinha namorado

e eu nunca havia me interessado por ela como qualquer coisa além de amiga. Até o último dia de aula.

Saímos da escola mais cedo e caminhamos pela cidade por algumas horas sob o sol. Rimos, comemos, conversamos... e finalmente, eu presenciei aquele sorriso mais de perto, aquela risada... as coisas sobre as quais ela falava, o jeito de pronunciar as palavras... você nunca sabe quando e nem com quem vai ser, mas sempre vai haver o momento em que você percebe que não tem mais como fugir.

E eu percebi. No momento em que nos despedimos, eu sabia que estava apaixonado por alguém que eu possivelmente nunca mais veria na vida. E que estava namorando. Foi um adeus difícil, e uma ou duas noites sem conseguir dormir.

Mas a vida seguiu. Alguns dias depois, completei 18 anos e comecei a procurar um emprego. O primeiro estabelecimento em que entreguei currículo foi a Cardoso Seguros. E foi paixão à primeira vista, ao menos do Sr. Luís Cardoso por mim...

Depois disso, encontrei a pensão da Sra. Lourdes e me mudei para o quarto número 2. Agora eu tinha uma casa, um emprego e uma nova vida. E aquela tarde de sol, no último dia de aula do ensino médio, ainda não havia saído da minha cabeça.

A primeira vez que coloquei um verso no papel foi sobre aquela tarde, aquele longo cabelo e aqueles olhos castanhos. Nós até trocávamos mensagens de vez em quando, mas era doloroso demais para ser prazeroso.

Caroline passou pela minha vida, e depois Martina. Ambos os casos duraram alguns meses e terminaram por motivos tolos. Elas não eram feitas para mim e eu não era feito para elas. Elas não eram... a Letícia.

E então, dois anos passaram. Eu tinha acabado de trocar de função na Cardoso Seguros, de recepcionista para vendedor. Letícia me convidou para sair, alguns dias depois. Havia terminado seu relacionamento há poucas semanas.

Continuamos conversando sobre isso e saindo de vez em quando. Ela falava sobre seu ex-namorado até cansar a voz e eu tentava consolá-la. Até que, é claro, uma coisa levou à outra e, um mês depois, estávamos namorando.

Mas a coisa toda não funcionou. Letícia ainda não havia superado seu último relacionamento. Ela continuava falando sobre isso ininterruptamente e eu continuava sendo um ouvido atento e um ombro confortável.

Ali estava eu, ouvindo a pessoa por quem eu era mais apaixonado em todo o mundo chorar. Chorar porque ainda era apaixonada por seu ex-namorado.

Tudo que fazíamos parecia frio e protocolar. As coisas só ficavam animadas quando ela estava triste e precisava esquecer o que sentia. Não havia fogo, não havia paixão, não havia afeto. Nós nem nos abraçávamos no dia-a-dia. Ela só começou a fazer isso nas vezes em que nos encontramos, APÓS o término. A relação durou cinco meses, até que sentamos frente a frente em uma mesa e fomos honestos um com o outro. Ela admitiu que não sentia algo a mais por mim. Eu falei que não era mais apaixonado por ela. E fomos embora, prometendo manter contato como amigos. Mas durante seis meses, ela não ligou e eu também não.

Foi difícil de compreender no início, afinal, a coisa pela qual eu mais havia esperado na vida, tinha fracassado. Mas àquela altura, eu já sabia como lidar com a dor. Eu já sabia remediá-la (bebendo) e expurgá-la (escrevendo).

Seis meses sem vê-la. E quando nos reencontramos - na virada do ano, quando saímos para comer e na boate -, por mais incrível que pareça, a chama não reacendeu para mim. Apesar de eu nunca conseguir enxergar Letícia como apenas uma estranha, eu simplesmente não sentia mais aquele algo a mais por ela.

Mas dessa vez estava sendo diferente. Após alguns minutos, fiquei deitado sobre a cama e ela continuou me beijando, com seu corpo sobre o meu.

Ela estava me beijando com o fogo, com o afeto e com a paixão que nunca havíamos tido em cinco meses de namoro.

Estávamos ali, na cama em que eu costumava deitar e ouvir os ruídos que vinham do quarto número 4 da pensão da Sra. Lourdes. Nas quintas, sextas, sábados e domingos.

E naquela noite de sexta-feira em específico, houve ação dos dois lados da parede.

A parte ruim das coisas que acontecem na madrugada é que sempre há a manhã do dia seguinte. E depois daquela madrugada de sexta-feira, com certeza, houve uma manhã do dia seguinte. Ah, se houve...

Acordei perto das 9h. Olhei para Letícia, que estava deitada ao meu lado na cama, perto da parede, com os cabelos esparramados sobre o travesseiro. Levantei e fui até o banheiro.

Saí de lá e fui até a cozinha, para pegar um copo de água. Ouvi Letícia saindo da cama e indo ao banheiro. Logo voltou e sentou na beirada da cama.

Saí da cozinha, sentei perto da escrivaninha e fiquei ali por um tempo, simplesmente observando Letícia colocar suas roupas de volta no corpo, sem que nenhum dos dois dissesse uma palavra sequer.

Quando terminou de se vestir, ela se levantou, pegou seu colar que estava sobre a escrivaninha e caminhou em direção à porta.

— Preciso ir, Alan — falou.

— Tudo bem.

— Até mais.

— Até.

Aí está a melhor maneira de resolver as coisas: simplesmente não falando sobre elas.

Sempre há a manhã do dia seguinte.

É uma espécie de epifania mental também, um momento em que você consegue enxergar sua vida por outra perspectiva e percebe com clareza tudo que há de errado com ela. Por exemplo: eu estava com fome, e não havia absolutamente nada para comer em casa. Quando tinha sido a última vez que eu havia ido ao supermercado simplesmente para COMPRAR alguma coisa? Pois é...

Troquei de roupa, então, e fui até o BIG. Era um dia quente, de céu azulado. Simplesmente mais um dia de verão santa-mariense.

Cheguei lá e passei pelas prateleiras onde ficavam a carne, o tomate, as batatas, os pães, o arroz... também peguei um pacote de macarrão, caso eu quisesse variar o cardápio algum dia desses.

Fui até as bebidas, peguei duas garrafas de cerveja de marcas diferente nas mãos e fiquei concentrado em escolher uma delas por alguns segundos. Até que ouvi a voz de alguém atrás de mim.

— Eu escolheria a da direita — falou.

— Luíza?

Lá estava ela, sorridente e radiante, como se o sol e o céu azul do lado de fora tivessem entrado no supermercado junto com ela. Não usava seu uniforme de trabalho, estava com uma blusa branca, calça jeans e tênis preto.

— Olá... — falei —, o que você está fazendo aqui?

— O mesmo que você... comprando...

— Você não está trabalhando?

— Não costumo trabalhar nos sábados.

— E nos outros dias? Vim aqui a semana inteira e não encontrei você.

— Eu estou de férias. Trabalhei vários meses sem folga... eles estão me devendo alguns dias de descanso...

— Ah...

— Mas, enfim... vamos levar umas garrafas dessa cerveja aí para a sua casa e conversar um pouco lá?

— É, pode ser...

Pegamos algumas garrafas e passamos pelo caixa. Saímos e fomos caminhando até a minha casa. Ela passou o trajeto inteiro falando sobre seus últimos dias, seu trabalho, sua família e algumas outras mundanidades que eu já não lembro mais, o que me deixou confuso.

Abri a porta e ela se sentou sobre a minha cama. Deixei as compras na cozinha, fui ao banheiro e depois sentei perto da escrivaninha.

— Colocou as cervejas na geladeira? — perguntou ela.

— Coloquei sim.

— Elas devem estar geladas daqui algumas horas, então... tempo suficiente para uma boa conversa...

— É... escuta, Luíza... sobre sábado passado...

— Não se preocupe, Alan... eu surtei sem motivos. Sei como é difícil lidar com os nossos sentimentos depois de um término... você fica confuso e triste... e se você consegue manter uma relação de amizade com sua ex-namorada, eu deveria parabenizá-lo por isso, porque é um sinal de maturidade...

— É?

— Eu acho... e além do mais, aquela foi uma razão tola para começar uma briga... eu preciso confiar mais em você ao invés de ficar criando paranoias... eu realmente senti a sua falta nesses últimos dias, e essa ausência me fez perceber que o que temos é bom demais para ser abalado por qualquer bobagem...

Fiquei a encarando por alguns instantes e depois suspirei pesadamente, olhando para o chão.

— Tudo bem, Luíza... eu... preciso contar uma coisa...

— O que aconteceu, Alan?

— Ah... isso não vai ser fácil...

— Pode falar...

— Ontem à noite, eu... fui à Boate Central mais uma vez... para tentar encontrar Letícia, para devolver o colar... só que eu não consegui achá-la e acabei voltando para casa mais cedo... aí... umas horas depois, ela bateu na minha porta... chorando, porque algum rapaz estava beijando outra pessoa ou algo do tipo... e eu fiquei lá, tentando ajudá-la... ela estava triste e de coração partido... e eu também não estava na minha melhor noite... até que... uma coisa levou à outra e... nós... acabamos...

— Eu já entendi, Alan...

— Eu sinto muito, muito mesmo, Luíza... eu não vou tentar me justificar, porque sei que estou errado. E eu aceito seja lá o que você quiser fazer agora.

— Eu vou... embora. Preciso de um tempo para pensar... sozinha...

Ela levantou e saiu, e eu fiquei olhando em volta por um tempo. Até que não aguentei e corri até a porta. Abri e lá estava ela, parada. Com a mão direita, começou a socar minha costela, e com a mão esquerda, dava tapas no meu braço direito. Um golpe a cada palavra que pronunciava.

— Como... você... pôde... — começou ela —, fazer... isso... seu... filho... da...

Consegui segurar seus dois braços por um momento. Ela se desvencilhou de mim e sentou na beirada da cama, pressionando os olhos com as mãos.

— Eu sinto muito, Luíza... — falei —, mas é que eu estava triste e confuso... tinha passado a semana inteira procurando você, sem

sucesso algum... e com esse tempo separados, eu comecei a pensar sobre o que éramos de fato, que tipo de relação tínhamos... nós nunca havíamos falado sobre isso...

Ela me olhou com uma expressão surpresa e furiosa. Levantou dali e começou de novo. Socos com a mão direita e tapas com a esquerda. um golpe a cada palavra.

— Você... está... tentando... colocar... a... culpa... em... mim?

— Não, não... — falei, conseguindo me esquivar dela por um instante —, sinto muito...não tem justificativa para isso.

Ela passou por mim apressadamente e foi em direção à porta.

— Agora estou indo embora de fato... — disse ela —, não tem mais sentido ficar aqui, ouvindo você...

— Eu... entendo...

— E você não ouse me seguir, escutou?

— Tudo bem...

Ela fechou a porta com raiva e eu fiquei observando em silêncio. Sentei na beirada da cama e fiquei encarando as paredes, com uma expressão triste e confusa.

A melhor forma de lidar com uma situação como essa.

Bem, eu já tinha comprado as cervejas, não é mesmo? E elas estavam na geladeira... então, tudo que restou a ser feito depois disso, foi beber só o suficiente para apagar completamente aquele sábado e o domingo seguinte da minha memória.

E com isso, restou a segunda-feira. Não importa o quão afundado você esteja, os dias continuam andando e a segunda-feira sempre chega. E você precisa avançar, querendo ou não.

Acordei por volta de 9h30 e decidi ir até a Cardoso Seguros antes do almoço. Fui ao banheiro, troquei de roupa e saí pela porta. Atravessei a rua e esperei o ônibus por 20 minutos na parada.

Embarquei e me acomodei no último assento à direita. Era um dia nublado e um pouco mais frio. Entre todos os dias que podiam estar tão feios, por que justamente esse?

Fiquei observando o tráfego de carros e pessoas pela janela do ônibus. Eram todos como o clima daquele dia: tristes e feios. Bem como o meu rosto, que eu via levemente refletido no vidro.

Desci em frente à empresa e entrei. Avistei o Sr. Luís Cardoso atrás do balcão e caminhei até lá.

— E aí, Sr. Luís... — falei —, comandando a empresa pessoalmente hoje?

— Claro... é sempre bom fazer isso de vez em quando...

— E o João e o Luciano? O Sr. liberou os dois?

— Liberei sim... pareciam cansados depois do fim de semana...

— Sim, sim...

— Bem, mas aqui está... — disse ele, me entregando os documentos da semana.

— Na sexta-feira volto com o contrato assinado, então... - falei, saindo lentamente de perto do balcão.

— Ei, Alan... espera aí...

— Sim?

— Os rapazes estavam preocupados com você...

— Por que?

— Eles disseram que você foi a uma festa com eles na sexta e depois foi embora cedo e não voltou mais...

— Ah...

— Disseram que procuraram por você, mas não conseguiram encontrar em lugar nenhum...

— Aconteceu que... eu... estava com vontade de ir ao banheiro...

— E não tinha banheiro na boate?

— Tinha, mas a fila era muito grande...

— Não dava para esperar?

— Era uma fila realmente grande...

— Tem certeza que foi isso, Alan?

— Absoluta...

— Eles ficaram bem preocupados com você...

— Pode avisar que não tinha motivo algum para isso... e até sexta, Sr. Luís...

— Tudo bem... Até mais, Alan...

Saí dali e peguei o ônibus de volta. Tudo continuava nublado, feio e triste. Desci duas paradas antes de casa e entrei no BIG.

Passei pelas prateleiras onde ficavam os pães, as carnes, o arroz, a batata, o tomate, as bebidas e depois os molhos e temperos. Tudo continuava nublado, feio e triste ali dentro.

Passei pelo caixa onde Diego estava. Um ex-colega de ensino fundamental que não lembrava mais de mim. Uma pessoa que eu conhecia, que agora age como se eu fosse um completo estranho. Nem o primeiro e nem o último.

Saí de lá, cheguei em casa e fui até a cozinha. Guardei as compras e comecei a preparar o almoço. Um prato de arroz com batata, tomate e bife. Sem gosto, sem tempero, sem graça. Nublado, feio e triste.

Saí da cozinha e levei a comida até a escrivaninha. Sentei para comer, em frente ao teclado e a tela. Ali onde eu deveria estar escrevendo meu primeiro grande ROMANCE. O livro que eu há tempos prometia para mim mesmo que terminaria, mas nunca recomeçava a escrevê-lo.

Um prato de comida sem gosto, sem tempero e sem graça em um dia nublado, feio e triste.

Na noite do mesmo dia, decidi pegar uma cerveja na geladeira e sentar em frente à escrivaninha. Fiquei encarando a tela e o teclado por um tempo. Alguns minutos depois, meu celular tocou. Atendi.

— Alô? — falei.

— Ei, Alan...

— Ei... Letícia...

— Como você está?

— Bem... e você?

— Também...

— Que bom...

— Escuta, Alan... eu acabei saindo sem falar muita coisa na última vez que a gente se viu...

— Tudo bem... não tem problema...

— É que... eu não sabia muito bem como agir... foi uma coisa estranha que aconteceu...

— É...

— E eu estava sentindo uma coisa estranha...

— Que coisa?

— Uma coisa... boa... algo que eu não havia sentido antes com você... foi uma noite diferente das outras... você não sentiu isso também?

— Olha, Letícia... eu... não sei...

— Como assim?

— É que aquilo foi... errado...

— Errado?

— É... não deveria ter acontecido...

— Por que, Alan?

— Aconteceu no momento errado...

— Alan... você... estava saindo com alguém?

— É... eu... estava...

— Estava?

— Sim.

— E o que aconteceu?

— Eu contei no dia seguinte e ela foi embora.

— Meu Deus... eu sinto muito... mas eu não sabia...

— Eu sei, Letícia... eu sei... não é culpa sua...

— Alan... eu sei que não foi culpa minha... mas é que se eu soubesse, isso nunca teria acontecido...

— Ah, sim...

— E agora, o que você vai fazer?

— Eu não sei ao certo...

— Bem, se você precisar de alguma ajuda, ou quiser falar sobre isso... eu estou aqui...

— Eu sei...

— Você pode me ligar...

— Tudo bem...

— Até mais, então, Alan...

— Até...

Desliguei o celular e coloquei sobre a escrivaninha. Terminei a cerveja naquela noite sem escrever uma linha sequer do meu primeiro grande ROMANCE. Gargalhava de leve entre um gole e outro. Vai dizer... é um pouco engraçado, não é?

Decidi tirar uma folga de três dias. Uma folga do trabalho, da convivência humana e de tudo que havia do lado de fora de casa. Estava com a impressão de que cada vez que eu saía de casa, algo ruim acontecia. Algumas vezes acontecia até quando eu estava do lado de dentro. Então, fiquei em casa na terça, na quarta e na quinta. Deitado na cama, bebendo, comendo, indo ao banheiro e, principalmente, dormindo. É o único momento em que o mundo é tolerável: quando você está de olhos fechados e tudo passa mais rápido.

Funcionou. O telefone não tocou, ninguém bateu na porta e não houve barulho do outro lado da parede.

Levantei da cama perto das 13h na sexta-feira, com um enjoo no estômago e sem fome. No dia anterior, havia acontecido um pequeno exagero na bebida.

Fui ao banheiro, lavei o rosto, troquei de roupa e fui caminhando em direção à empresa que eu precisava visitar naquela semana. Era uma distribuidora de bebidas que ficava a algumas quadras da minha casa.

O dono do estabelecimento era um senhor de cabelos brancos, que usava óculos quadrados e camisa polo esverdeada. Conversei com ele em uma mesa improvisada em um canto da loja, com um banquinho de madeira para cada.

Ele não entendeu nada que eu falei quando apresentei o plano de seguro. Tive que explicar detalhadamente como aquilo tudo funcionava antes de tentar convencê-lo a comprar. Quando ele finalmente entendeu, disse que não tinha dinheiro para pagar.

Mas eu continuei ali, conversando por mais uns 30 minutos. Consegui convencê-lo a fazer um sacrifício financeiro. Afinal, nenhum dinheiro é tão valioso quanto a segurança da sua família, do seu negócio e da sua vida, não é mesmo?

Fui até a parada e embarquei em um ônibus em direção à Cardoso Seguros. Desci em frente a empresa e entrei. Caminhei em direção a Luciano, que estava atrás do balcão.

— Ei, seu maluco! — disse Luciano, antes mesmo de eu chegar até o balcão.

— Sou eu mesmo...

— Está tudo bem? Onde diabos você foi parar na sexta passada?

— Eu falei para o Sr. Luís. Ele não repassou para vocês?

— Que você precisava ir ao banheiro?

— É...

— Pelo amor de Deus, Alan...

— Que que foi? Podia ser verdade...

— Alan, nós ficamos preocupados!

— E eu agradeço a preocupação. Mas não havia motivos. Eu estou bem, está tudo ótimo...

— Tudo bem MESMO?

— Do melhor jeito que poderia estar.

— Vou fazer um esforço para acreditar...

— Obrigado... mas, enfim, aqui está o dever da semana - coloquei o contrato assinado sobre o balcão.

— Muito bem...

— E o João? Por onde anda?

— Tinha uma consulta no dentista hoje.

— Ah, sim...

— Mas nada que vá impedi-lo de ir à Boate Central hoje à noite...

— Vocês vão de novo?

— Claro... o que seria das noites santa-marienses sem nós?

— É verdade... e você já vai poder beber?

— Infelizmente, ainda não...

— Que pena...

— Eu não suponho que você queira ir...

— Não, não... não dessa vez...

— Três semanas seguidas seriam demais?

— É...

— Bem, então vejo você na segunda-feira, Alan...

— É isso aí. Até lá.

Fui embora dali e embarquei no ônibus após 10 minutos de espera na parada. Desci em frente de casa, atravessei a rua e entrei. Sentei na beirada da cama e fiquei olhando em volta. Eu precisava comer, mas não estava com disposição para cozinhar. Não estava

no clima para arroz, batata, tomate e bife. Talvez mais tarde. Fiquei procrastinando por mais uns 30 minutos até que ouvi uma batida na porta. Levantei para abrir.

— Olá, Alan... — disse Luíza.

— Olá...

— Posso entrar?

— Pode... pode sim...

Ela passou por mim e sentou na beirada da cama. Usava uma blusa verde, uma saia jeans e um all-star branco. Sentei perto dela, na cadeira da escrivaninha.

— Como estão as coisas? — perguntou ela.

— Estão indo... e você, como está?

— Vou bem...

— Que bom... olha, Luíza... eu queria dizer que...

— Alan, Alan... acho melhor você nem desperdiçar saliva. Não é sobre isso que eu vim falar.

— Tudo bem... sobre o que então?

— Eu vim... me despedir. Estou indo embora.

— Embora?

— Embora da cidade. E do estado. Passei no curso de Biologia, na UFMG. E estou me mudando para lá.

— Nossa, Luíza... isso é tão... bom... parabéns para você...

— Faz alguns dias que eu soube disso. Eu não ia para lá, inicialmente. Eu realmente queria estudar aqui na cidade. Mas, de qualquer forma, era algo que me deixou feliz e esperançosa. Eu ia contar para você, sábado passado, mas... você tinha notícias maiores...

Ela olhou para mim e eu fiquei em silêncio.

— Aí, nesse meio tempo... — continuou ela —, eu pensei bastante sobre isso e... percebi que não seria tão ruim assim uma mudança significativa na minha vida... eu pensava que tinha alguma coisa construída aqui na cidade, mas... na verdade tenho apenas a minha família. E eles estão de acordo com a mudança e vão me ajudar. Então, estou indo para lá essa semana ainda...

— Não suponho que haja qualquer coisa que eu possa fazer para mudar sua decisão, não é?

— Não... eu só vim até aqui dizer isso porque... apesar de tudo, você foi uma pessoa importante... e eu fui ensinada a ter consideração com as pessoas que eu gosto.

— Entendi...

— Bem, estou indo... — disse ela, dirigindo-se à porta — desejo sucesso com seja lá o que você for fazer por aqui nos próximos anos...

— Obrigado... e boa sorte para você por lá...

— Adeus, Alan...

— Adeus...

Ela foi embora e eu fechei a porta e sentei na beirada da cama. Não havia muito a ser feito, além de ficar ali sentado, com a cabeça baixa e as duas mãos cobrindo o rosto.

2

Lidar com a dor. Beber para remediar e escrever para expurgar. É mais ou menos por aí o caminho. Comecei a primeira parte no sábado, esvaziando quase todas as garrafas que consegui encontrar na geladeira. Álcool o suficiente para me fazer esquecer da dor, para me fazer rir dela, para me fazer dormir 14 horas em um dia.

A segunda parte veio no domingo. Acordei cedo, sentei em frente à escrivaninha e ali estavam: as palavras que eu estive procurando há tantas semanas. O fechamento marcante para a história que eu tanto buscava. Foi um dia mágico aquele... as páginas voavam dos meus dedos para a tela, e ao final da noite, o livro estava escrito. Meu primeiro grande ROMANCE estava terminado.

Ali estavam todos os autores que eu já tinha lido e gostado, todas as músicas que eu já havia escutado, todos os filmes que eu já tinha assistido, todas as pessoas que eu já havia conhecido, todas as ruas em que eu já tinha andado, as ruas do meu bairro, as ruas da MINHA cidade, a cidade em que nasci e cresci, e que agora era parte do livro que finalmente faria jus à sua beleza. O MEU livro. o meu primeiro grande ROMANCE.

"O dia chegou", por Alan Valencci. Esse era o nome.

Acordei cedo na segunda-feira e revisei com atenção todo o texto. Corrigi alguns erros de digitação e de gramática e adicionei algumas palavras. Agora sim, estava tudo pronto.

Saí por volta das 11h30 em direção à Cardoso Seguros. Desembarquei do ônibus e caminhei em direção ao balcão, onde estavam Luciano e João.

— O menino de ouro! — falou Luciano, enquanto eu chegava.

— Aqui estou, mais uma vez... — respondi.

— Tudo certo com você? — perguntou João.

— Tudo certo... e vocês? Foram à boate na sexta?

— Fomos sim.

— E como foi?

— Até que deu para aproveitar... — disse Luciano —, apesar de eu precisar estar sóbrio de novo...

— Você é um rapaz muito corajoso... — falei.

— Aqui estão os documentos - disse João, colocando os papéis sobre o balcão.

— Vou lutar por mais essa assinatura - falei, já me afastando do balcão.

— Escuta, Alan... — disse Luciano —, quando você vier na sexta, talvez eu já possa voltar a beber... se for o caso, que tal sairmos para beber no bar aqui do lado?

— Já que provavelmente você não iria querer ir a uma boate... — complementou João —, uma mesa de bar só entre a gente pode ser legal...

— É, pode sim... — respondi.

— Vai ser uma grande comemoração... — falou Luciano.

— Comemoração pelo que? — perguntei.

— Por eu poder voltar a beber, é claro...

— Ah, sim...

— Ei, Alan... — disse João.

— Sim?

— E aquele livro que você estava escrevendo?

— Eu... acabei de terminar de escrevê-lo.

— Que bom... eu quero ler, hein... você vai ter que providenciar uma cópia para mim...

— Para mim também... — complementou Luciano.

— Tudo bem, vou conseguir algumas cópias para vocês.

— Estamos esperando desde já...

— Tudo bem... até sexta, então...

— Até mais, Alan...

Acenei para os dois perto da porta e fui até a parada. Embarquei no ônibus e desci na frente de casa uns 20 minutos depois. Entrei e fui em direção à cozinha, pensando no que faria para o almoço. Logo ouvi uma batida na porta.

— Olá, Sra. Lourdes... — falei, ao abrir.

— Ei, Alan... você está com fome?

— Na verdade nem almocei ainda...

— Então cheguei na hora certa... toma aqui — ela me entregou uma bandeja com uns três pedaços grandes de bolo de chocolate.

— Ah, obrigado, Sra. Lourdes...

— Está tudo bem com você, Alan? Há dias não escuto você por aqui.

— Eu estive bem aqui quase todos os dias da semana passada.

— Só se estivesse morto. Não ouvi nenhum barulho...

— Bem, eu estava quase...

— Não fala isso, menino! Vai comer o seu bolo, vai!

Ela foi embora e eu fechei a porta. Sentei em frente à escrivaninha e devorei o bolo. Era quente, macio e doce... que confeiteira era a Sra. Lourdes... uma alma pura e generosa...

Quando terminei, fiquei encarando a tela e o teclado. Agora que eu havia terminado de escrever o livro, seriam diversas burocracias para enviá-lo para alguma editora ou cadastrá-lo em algum concurso ou se eu decidisse publicá-lo por conta própria. Mas, por enquanto, tudo que eu queria era uma cópia física. Uma cópia para mim, para que eu pudesse tocar e cheirar e sentir as minhas próprias palavras. As palavras do meu primeiro grande ROMANCE.

"O dia chegou", por Alan Valencci.

Editei um arquivo para impressão e levei o pen-drive até uma papelaria a algumas quadras de casa. Caminhei até próximo da atendente, que devia ter uns 35 anos, 1,60m de altura e um longo e liso cabelo castanho.

Entreguei o pen-drive com o arquivo e ela começou a impressão. Ficou observando a capa, onde dizia o nome de autor e título da obra.

— Isso é um livro? — perguntou ela.

— É sim...

— Você encontrou na internet?

— Sim, sim... é de um autor que eu gosto muito...

— Eu não sabia que dava para imprimir livros assim...

— É bem fácil de encontrar...

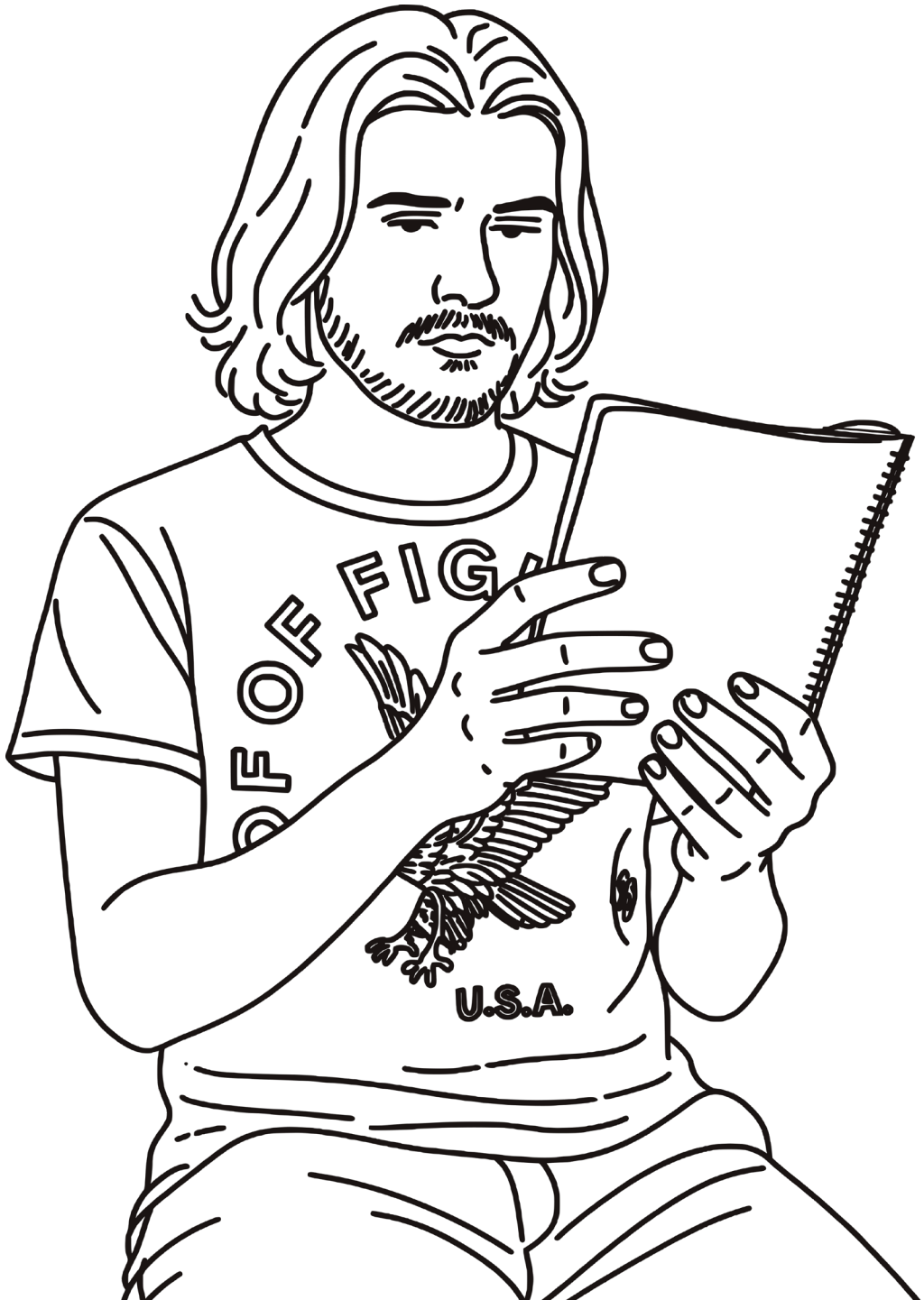
— Vou procurar... tenho vários que estou querendo ler...

A impressão terminou e ela encadernou as folhas. Paguei e fui caminhando de volta com o livro.

Ali estava o MEU livro. As MINHAS palavras, as MINHAS histórias, as MINHAS ruas, a MINHA cidade, o MEU primeiro grande ROMANCE. Tudo em páginas que eu podia ler, sentir, tocar e cheirar.

Sentei na cama e folheei as 10 primeiras páginas do meu primeiro grande ROMANCE. Avistei uns cinco ou seis erros de digitação.

Deixei o livro sobre a cama, fui até a cozinha e peguei uma garrafa de cerveja. Sentei em frente à escrivaninha, tomei um gole, encarei a tela, coloquei as mãos sobre o teclado e comecei a corrigir os erros.


OF FIG
U.S.A.

ENSAIO FOTOGRÁFICO
ADEUS, ALAN

McDonald's
HAMBURGERS
DRIVE-THRU

McDonald's
HAMBURGERS
NIKE

Itautec

CONHECA O
ALICERCE

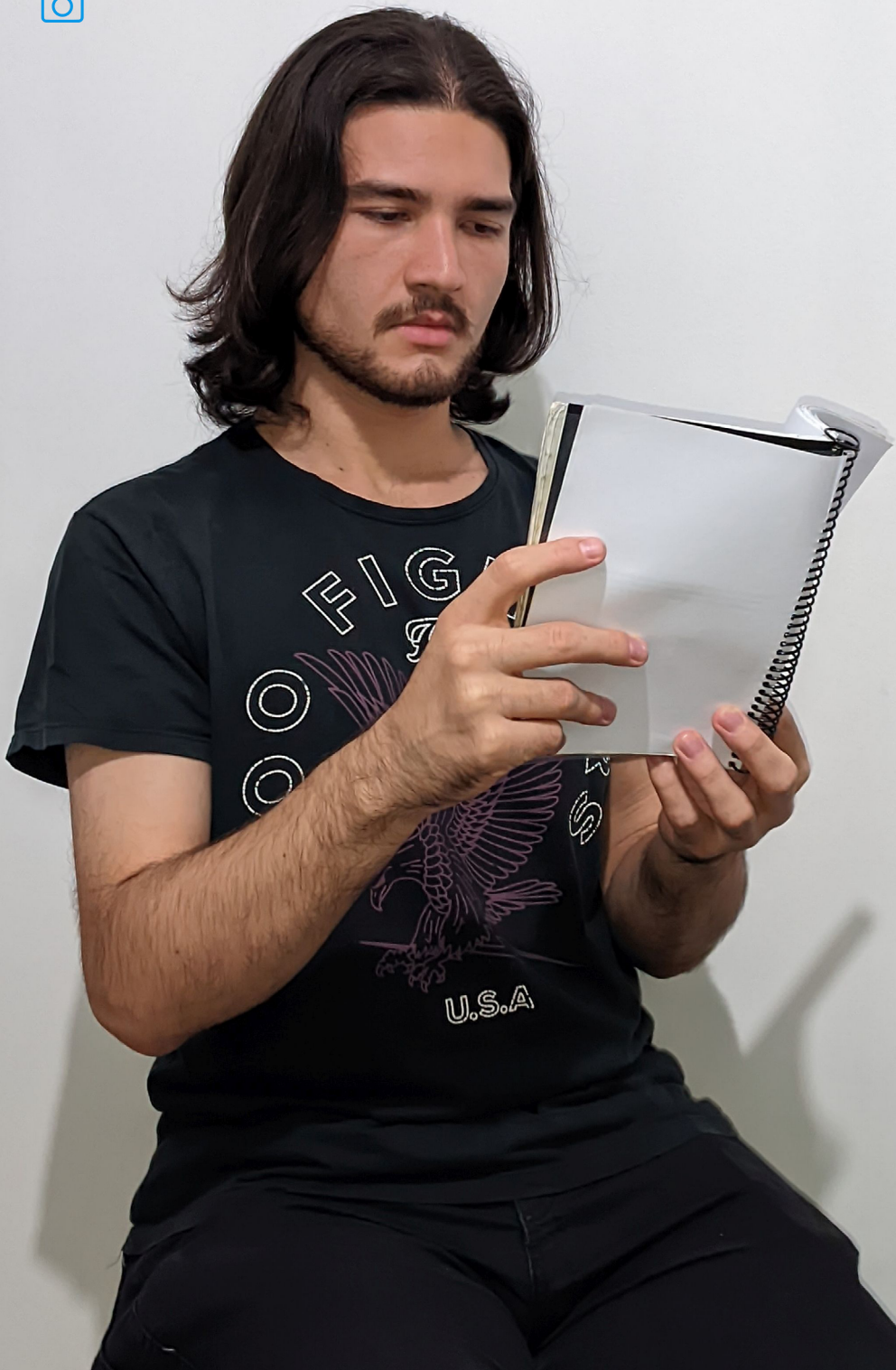
SOL
SOL

FIGHTERS

MIND MATTERS

BURBERRY

COPA


U.S.A